

UFRB

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

ELIEZER FRANCISCO DE SANTANA

**FESTA DO DIVINO: UM TRAÇO RELIGIOSO E CULTURAL
DA CIDADE DE CACHOEIRA**

Cachoeira
2011

ELIEZER FRANCISCO DE SANTANA

**FESTA DO DIVINO: UM TRAÇO RELIGIOSO E CULTURAL
DA CIDADE DE CACHOEIRA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Luydy Abraham Fernandes

Cachoeira
2011

ELIEZER FRANCISCO DE SANTANA

**FESTA DO DIVINO: UM TRAÇO RELIGIOSO E CULTURAL
DA CIDADE DE CACHOEIRA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em ____ de agosto de 2011.

Banca Examinadora

Luydy Abraham Fernandes – Orientador _____
Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Carlos Alberto Santos Costa _____
Mestrado em Arqueologia e Conservação do Patrimônio pela Universidade Federal de Pernambuco
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Jurema Machado de Andrade Souza _____
Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

À memória dos meus pais: Edvaldo Francisco de Santana e Maria Rodrigues de Santana, que antes das suas partidas me aconselharam para não parar de estudar e agora estou cumprindo mais uma etapa dos seus pedidos, mesmo após trinta anos de interrupção.

AGRADECIMENTOS

A Deus, responsável pela minha vida, dando-me a cada momento determinação, sabedoria, luz e força e que a cada dia me ilumina para o meu sucesso.

Cresci sendo encorajado a construir sonhos, sonho esse, que aprendi a superar as dificuldades e persistir nos objetivos da minha vida. Assim, agradeço a minha esposa Ana Lúcia Pedra de Santana, mulher digna e honrada, que sempre esteve ao meu lado pronta a me ouvir, aconselhar e me ajudar.

Aos meus filhos Eliziane Pedra de Santana, Luciana Pedra de Santana e especialmente Eliezer Francisco de Santana Júnior, que me despertou para o retorno aos estudos e me ajudou constantemente para a conquista desse sonho, compartilhando com sua sabedoria momentos da sua vida para efetivação dessa obra. A todos vocês, pilares da minha vida, pessoas que devotam a mim infinito amor, muito obrigado.

Aos meus amigos e colegas do centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB, pela companhia e por todos os risos compartilhados. Em alguns momentos me chamando de colega, outros de pai, padrinho e também de tio, por ser um dos mais velhos da segunda turma de Museologia da UFRB. Agradeço especialmente aos colegas de graduação Fernanda Santos, Marla Prado, Diêgo Dias, Ajax Sampaio, Gil Barbosa, Andrea Ribeiro, Liliane Cruz, Jomar Lima e João Carlos.

Agradeço especialmente ao meu colega Emanuel Silva Andrade, que me incentivou durante todo curso de Museologia, no qual trabalhamos em equipe do primeiro até o último semestre, tendo respeito, consideração e fazendo aproximação de sua família com a minha, me tendo como pai, me ouvindo sempre que necessário, havendo a reciprocidade de minha parte, assim, nos tornamos grandes amigos. Em sua monografia em 2010, ele me fez agradecimentos, na qual registra e documenta a casa de Farinha de Dêgo na localização da Viração em Maragojipe - Bahia, de onde é oriundo, e eu agora retribuo como prova de consideração e respeito que

constituímos durante nosso Curso de Graduação de Bacharel em Museologia no Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB na cidade de Cachoeira.

Agradeço ao professor Luydy Abraham Fernandes por sua compreensão, atenção e paciência nos momentos de orientação, dando-me apoio e incentivo constante, e também aos professores Carlos Alberto Santos Costa e Jurema Machado de Andrade Souza por aceitar o convite e participar da banca examinadora.

Ao Prof. Luydy Abraham Fernandes pelo incentivo na elaboração da obra e disponibilidade em ajudar-me durante toda a graduação, e a todos os professores do curso de graduação em Museologia da UFRB, especialmente Camila Santiago, Rita Doria, Rita Salvador, Carlos Costa, Suzane Pêpe e Patrícia Verônica pelo respeito, compreensão e incentivo.

Agradeço às pessoas da comunidade de Cachoeira que me concederam entrevistas e informações muito valiosas para que o trabalho de conclusão de curso sobre a Festa do Divino Espírito Santo, uma das manifestações da cultura imaterial da cidade da Cachoeira, pudesse nesse momento ser registrada e documentada de acordo com o que foi pesquisado e informado pelos fiéis no seu saber fazer.

Esse legado que é passado de geração a geração, que possui rica importância cultural e religiosa, o qual tive a honra de ter o acesso, deve ser guardado para sempre e por isso que manifesto minha gratidão a todos pela colaboração recebida nessa monografia.

*“EU TENHO UMA ESPÉCIE DE DEVER, DEVER DE SONHAR SEMPRE, POIS, SENDO
MAIS QUE UM ESPECTADOR DE MIM MESMO, TENHO QUE TER O MELHOR ESPETÁCULO QUE
POSSO. ASSIM, ME CONSTRUO A OURO E SEDA EM SALAS SUPOSTAS INVENTO PALCOS
PARA VIVER”.*

(FERNANDO PESSOA)

SANTANA, Eliezer Francisco de. Festa do Divino: Um traço religioso e cultural da cidade de Cachoeira. 124 f. il. 2010. Monografia (Graduação) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2011.

RESUMO

Desde o início da colonização portuguesa no Brasil, a Festa do Divino sobreviveu e trouxe consigo antigas tradições ligadas às suas raízes reafirmando o início da história e da cultura imaterial do povo brasileiro. Buscando salvaguardar os traços religiosos e culturais da tradicional Festa do Divino no município de Cachoeira - Bahia, foi desenvolvida esta monografia no campo da documentação museológica voltada para registrar sua memória. O objetivo deste trabalho é documentar e analisar a Festa do Divino partindo do princípio de que não há nenhum documento registrado na cidade sobre este tema que possui particularidades significantes para a história cultural de Cachoeira. A metodologia utilizada para tal observação e análise desta manifestação religiosa se deu a partir da coleta de informações com o saber popular da comunidade cachoeirana, e também através da pesquisa de campo que envolve desde os primeiros passos para a elaboração da festa até as etapas de sua realização. Sendo assim, surge a necessidade de preservar as informações desta festa para entender as modificações ocorridas com o passar dos anos e evitar a perda de suas características ao longo do tempo devido à sua própria dinâmica, deixando dessa forma este legado para as gerações que estão por vir.

Palavras-chave: Festa do Divino, Documentação Museológica, Cultura Imaterial, Cachoeira – Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Grupo precatório formado por músicos e artistas em 1845 | 20 |
| Figura 2 – Irmandade do Santíssimo Sacramento do Rio de Janeiro no dia de Pentecostes | 21 |
| Figura 3 – Coroa da Festa do Divino da cidade de Cachoeira - Bahia..... | 26 |
| Figura 4 – Cetro da Festa do Divino da cidade de Cachoeira - Bahia..... | 30 |
| Figura 5 – Festa do Divino em Cachoeira com um imperador na idade adulta | 37 |
| Figura 6 – O primeiro imperador negro da Festa do Divino em Cachoeira - BA..... | 39 |
| Figura 7 – Imperador Evandro Pereira Gomes que reinou por duas vezes consecutivas | 41 |
| Figura 8 – Primeiro Imperador do terceiro milênio | 43 |
| Figura 9 – Livreto de celebração da Festa de 2001 | 43 |
| Figura 10 – A extinta irmandade do Bom Jesus da Paciência | 46 |
| Figura 11 – A extinta Igreja do Amparo..... | 46 |
| Figura 12 – Visita da bandeira do Divino a uma residência no município de Cachoeira no ano de 2001 | 48 |
| Figura 13 – Visita da bandeira do Divino a uma residência no município de Cachoeira no ano de 2011 | 48 |
| Figura 14 – Tibério José de Santana..... | 49 |
| Figura 15 – João da Pomba | 49 |
| Figura 16 – Demonstrações de fé e proteção à bandeira do Divino na comunidade cachoeirana..... | 50 |
| Figura 17 – Demonstrações de fé e proteção à bandeira do Divino na comunidade cachoeirana..... | 50 |
| Figura 18 – Fogos sendo tocados na Festa do Divino | 51 |
| Figura 19 – A benfeitora do Divino: Dona Noêmia Linhares | 52 |

| | |
|--|----|
| Figura 20 – Dona Noêmia Linhares com roupa branca e pés descalços, no fundo e ao centro da foto em demonstração da sua fervorosa fé na Festa do Divino de 2001... .. | 54 |
| Figura 21 – Livreto da novena de Pentecostes de 2001 | 55 |
| Figura 22 – Bandeira hasteada na porta da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário em Cachoeira..... | 57 |
| Figura 23 – Interior da Igreja Matriz ornamentada em dia de Festa | 66 |
| Figura 24 – Trajeto realizado pelo Imperador Emerson Souza Mascarenhas na Festa do Divino no ano de 1989..... | 72 |
| Figura 25 – Bandeira do Divino Espírito Santo no início do cortejo | 73 |
| Figura 26 – Estandarte do Divino | 75 |
| Figura 27 – Crianças com Dons do Divino em anos distintos | 76 |
| Figura 28 – Crianças com Dons do Divino em anos distintos | 76 |
| Figura 29 – Crianças trajando vestes de camponeses..... | 77 |
| Figura 30 – Crianças trajando vestes de camponeses..... | 77 |
| Figura 31 – Crianças levando faixas com menção ao Espírito Santo..... | 78 |
| Figura 32 – Crianças levando faixas com menção ao Espírito Santo..... | 78 |
| Figura 33 – Crianças da Irmandade do Divino Espírito Santo | 78 |
| Figura 34 – Crianças da Irmandade do Divino Espírito Santo | 78 |
| Figura 35 – Imagem da pomba do Divino | 79 |
| Figura 36 – Cestas dos Pombos no Cortejo..... | 80 |
| Figura 37 – Os guardiões e a coroa do Imperador..... | 81 |
| Figura 38 – Imperador Eliezer Francisco de Santana Junior da Festa do Divino de 2001... .. | 82 |
| Figura 39 – Chapéu do Imperador | 82 |
| Figura 40 – Frente do blusão do Imperador | 83 |
| Figura 41 – Verso do blusão do Imperador | 83 |
| Figura 42 – Modelo de bermudão do Imperador | 83 |

| | |
|---|----|
| Figura 43 – Modelo de bermudão do Imperador | 83 |
| Figura 44 – Par de luvas do Imperador Pedro de Almeida Rocha em 1991 | 84 |
| Figura 45 – Par de sapatos do Imperador Pedro de Almeida Rocha em 1991 | 84 |
| Figura 46 – Meia-calça do Imperador Pedro de Almeida Rocha em 1991 | 84 |
| Figura 47 – Manto do Imperador Pedro de Almeida Rocha | 85 |
| Figura 48 – Imperador Antônio Pedro da Silva Linhares da Festa do Divino de 1967..... | 86 |
| Figura 49 – Pajens | 87 |
| Figura 50 – Colete dos pajens | 87 |
| Figura 51 – Pajens no cortejo | 87 |
| Figura 52 – Filarmônica Lira Ceciliana | 89 |
| Figura 53 – Coroação do Imperador Eliezer Francisco de Santana Junior em 2001 | 91 |
| Figura 54 – Livreto da celebração de Pentecostes do ano de 2004 | 92 |
| Figura 55 – Livreto da celebração de pentecostes do ano de 2005..... | 92 |
| Figura 56 – Livreto da celebração de Pentecostes do ano de 2010 | 92 |
| Figura 57 – Livreto da celebração de pentecostes do ano de 2011..... | 92 |
| Figura 58 – Ritual de transição de reinado com passagem de cetro em 2011 | 95 |
| Figura 59 – Entrega da bandeira na casa do novo imperador no ano de 2000 | 96 |
| Figura 60 – Entrega da bandeira na casa do novo imperador no ano de 2000 | 96 |
| Figura 61 – Bolo em comemoração à Festa do Divino de 2001 | 97 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Etapas da Festa do Divino | 36 |
| Tabela 2 – Atividades da Festa do Divino | 61 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 15 |
| 1.1 | OBJETIVOS | 16 |
| 1.2 | METODOLOGIA..... | 16 |
| 1.3 | ESTRUTURA DO TRABALHO | 17 |
| 2 | A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM CACHOEIRA - Documentação Museológica e Embasamento Teológico..... | 18 |
| 2.1 | DESCRIÇÃO DOS SÍMBOLOS DA FESTA DO DIVINO NA IGREJA MATRIZ..... | 25 |
| 2.2 | EMBASAMENTO TEOLÓGICO DA FESTA DO DIVINO ESPIRITO SANTO | 33 |
| 2.2.1 | Deus, o Pai Criador..... | 33 |
| 2.2.2 | Jesus Cristo, o Redentor | 34 |
| 2.2.3 | Espírito Santo, o Santificador | 34 |
| 3 | A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM CACHOEIRA – Escolha do Imperador, Preparação da Festa e Novenas..... | 36 |
| 3.1 | A ESCOLHA DO IMPERADOR..... | 36 |
| 3.1.1 | O primeiro imperador negro na Festa do Divino | 38 |
| 3.1.2 | O imperador que reinou por dois mandatos | 40 |
| 3.1.3 | O primeiro imperador do terceiro milênio | 42 |
| 3.2 | MUDANÇAS NA FESTA DO DIVINO..... | 44 |
| 3.3 | PREPARAÇÕES DA FESTA..... | 46 |
| 3.3.1 | Ritual da Queima de Fogos..... | 50 |
| 3.3.2 | A Benfeitora da Festa do Divino | 51 |
| 3.4 | NOVENAS | 54 |
| 4 | A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM CACHOEIRA – Comemorações do Dia de Pentecostes..... | 61 |
| 4.1 | A FESTA DE PENTECOSTES..... | 61 |

| | | |
|--------|---|-----------|
| 4.2 | OS SETE DONS DO ESPÍRITO SANTO | 62 |
| 4.3 | OS NOVE FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO | 63 |
| 4.4 | OS SÍMBOLOS DO ESPÍRITO SANTO | 64 |
| 4.5 | ARRUMAÇÃO DA IGREJA..... | 65 |
| 4.6 | O CORTEJO E SUA DESCRIÇÃO..... | 67 |
| 4.6.1 | Bandeira do Divino Espírito Santo..... | 73 |
| 4.6.2 | Candeeiro..... | 73 |
| 4.6.3 | Estandarte..... | 74 |
| 4.6.4 | Ala das crianças da eucaristia | 75 |
| 4.6.5 | Ala das crianças dos dons do Divino..... | 75 |
| 4.6.6 | Ala dos camponeses | 76 |
| 4.6.7 | As faixas do Divino Espírito Santo..... | 77 |
| 4.6.8 | Ala da irmandade do divino..... | 78 |
| 4.6.9 | Pomba do divino..... | 79 |
| 4.6.10 | A coroa e seus guardiões | 80 |
| 4.6.11 | O imperador | 81 |
| 4.6.12 | Os pajens..... | 86 |
| 4.6.13 | A família do Imperador | 87 |
| 4.6.14 | Os devotos do divino..... | 87 |
| 4.6.15 | A filarmônica | 87 |
| 4.6.16 | Queima de foguetes..... | 89 |
| 4.7 | COROAÇÃO DO IMPERADOR..... | 90 |
| 4.8 | SANTA MISSA DE PENTECOSTES..... | 91 |
| 4.8.1 | Entrada do cortejo | 92 |
| 4.8.2 | Ato penitencial..... | 92 |
| 4.8.3 | Entrada da bíblia | 93 |
| 4.8.4 | Aclamação ao evangelho..... | 93 |
| 4.8.5 | Ofertório..... | 93 |

| | | |
|--------------|---|------------|
| 4.8.6 | Comunhão..... | 94 |
| 4.8.7 | Canto final..... | 94 |
| 4.9 | A TRANSIÇÃO DE REINADO | 94 |
| 4.10 | AGRADECIMENTOS NO FINAL DA CELEBRAÇÃO | 96 |
| 4.11 | ENTREGA DA BANDEIRA NA CASA DO NOVO IMPERADOR | 96 |
| 4.12 | COMEMORAÇÃO DE ENCERRAMENTO DO REINADO DO IMPERADOR..... | 97 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 98 |
| | REFERÊNCIAS..... | 99 |
| | GLOSSÁRIO DE TERMOS ESPECÍFICOS..... | 101 |
| | APÊNDICE | 106 |
| | APÊNDICE A - Questionários | 107 |
| | APÊNDICE B – Imperadores da Festa do Divino de 1949 a 2011 | 112 |
| | ANEXO | 118 |
| | ANEXO A – Fotos da visita da bandeira do Divino em Cachoeira-BA | 119 |
| | ANEXO B – Fotos da Festa do Divino ao longo dos anos | 120 |
| | ANEXO C – Fotos de algumas peças Festa do Divino | 123 |
| | ANEXO D – Foto da Igreja Matriz da cidade de Cachoeira - BA..... | 124 |

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho corresponde à documentação da Festa do Divino Espírito Santo realizada no município de Cachoeira - Bahia. Objetiva descrever suas etapas e objetos simbólicos que são utilizados durante o momento de realização da manifestação. Concomitantemente ao trabalho de documentação, pretende-se levantar algumas informações socioculturais a respeito da estrutura da festa, como por exemplo, seus participantes, diferenciação por gênero e os rituais.

A cidade de Cachoeira está situada a 110 km de Salvador e possui uma população estimada em 32.035 habitantes, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010. A mesma está localizada à margem esquerda do rio Paraguaçu e é ligada ao município de São Félix pela ponte D. Pedro II. Pertencente à região do Recôncavo Baiano que se caracteriza pela suas manifestações religiosas e culturais, Cachoeira foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 13 de Janeiro de 1971 através do decreto 68.045. Depois de Salvador, Cachoeira é a cidade que reúne o mais importante acervo arquitetônico Barroco do Estado da Bahia.

Considerada heróica por conta da participação na luta pela independência da Bahia, desde 2007, a cidade passou a ser a capital do Estado durante todo o dia 25 de junho, data símbolo da luta dos cachoeiranos pela independência do Brasil, retratando a importância que o município possui na história do país.

O município possui comemorações como o aniversário da cidade em 13 de Março; a Semana Santa; a Festa de São João; a data símbolo de 25 de Junho; Festa de Nossa Senhora do Rosário; Festa de Nossa Senhora D'Ajuda; Festa de Santa Cecília; Festa de Santa Bárbara e a Festa do Divino Espírito Santo, a qual se propõe a discutir neste trabalho.

Todos os anos, a Festa do Divino Espírito Santo percorre com seu cortejo as ruas estreitas e seculares da cidade para a celebração desse evento religioso. É

realizada anualmente no mês de maio ou junho, pois a data da Festa é móvel, ou seja, depende do calendário cristão. Sua estrutura é composta por novenas, cultos religiosos, cortejo e apresentação de filarmônicas ao som de foguetes nas ruas da cidade. No cotidiano da religião católica, a Festa é praticada desde o século XIV e sua primeira celebração aconteceu em Portugal, vindo para o Brasil nas primeiras décadas da colonização (ABREU, 1999, p. 39).

1.1 OBJETIVOS

Tendo em vista que esta Festa é realizada desde as primeiras décadas da colonização e não há nenhum documento registrado em Cachoeira sobre a mesma, surge a necessidade de serem documentadas através dessa pesquisa, as particularidades desta celebração na comunidade cachoeirana. Sendo assim, entre os objetivos estão documentar e analisar a Festa do Divino Espírito Santo no município de Cachoeira – Bahia.

1.2 METODOLOGIA

O processo metodológico utilizado para o desenvolvimento do trabalho consistiu na observação e análise de todas as atividades para a realização da Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira. Tal observação foi praticada em sua maioria de forma participante, pois o autor do trabalho é um participante assíduo da Festa. Também foi realizada observação não participante de todas as etapas do festejo.

Obteve-se informações fundamentais para compreensão da Festa, a partir da realização de entrevistas e diálogos com os moradores locais que participam da manifestação cultural. Essas pessoas: Vera Lúcia Leite Costa, Maria José de Melo Santos, Vanderlina dos Reis Santos, Orlando José da Fonseca Mascarenhas, Luiza Lima, Maria Lucidalva dos Santos Cordeiro, Marinalva Menezes de Macêdo, Ana Lúcia Pedra de Santana, Raymundo Alberto Ferreira de Cerqueira, Maria do Rosário Leite Brito, Emanuel Divino da Silva, Dom Roque Cardoso Nonato, Jessé do Carmo

Conceição, Cleusa Maria Santana Santos Souza, Aurita Barbosa de Almeida, Noemia Alves da Silva Cunha, Eunice da Silva Jambeiro, Marília de Almeida Rocha, Maria do Carmo de Castro Aguiar, Noelice Melo Pereira da Silva, Hilton Lopes Mendes, Cônego Hélio Cezar Leal Vilas-Boas, Padre Cid José da Cruz, contribuíram significativamente com informações sobre as etapas da Festa. Com suas experiências favoreceram a compreensão mais detalhada sobre as etapas, os participantes, objetos utilizados e aspectos das relações sociais entre os envolvidos.

Os dados coletados durante a observação e análise das etapas da Festa, eram anotados em caderno de campo e em seguida revisados e analisados para conclusão das informações obtidas. Ainda foram registrados com fotografias digitais os objetos e pessoas que são referências durante anos da realização da Festa na cidade como forma de explorar com mais precisão as especificidades observadas ao decorrer da pesquisa.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho se divide em três capítulos. O primeiro aborda aspectos da Festa do Divino Espírito Santo num contexto mais geral e a Documentação Museológica, evidenciando a origem da Festa no Brasil e as características em Cachoeira. Logo em seguida, discute a relação da Museologia e Documentação Museológica para com a Festa do Divino. Mostra a importância do registro de informações, especialmente da cultura imaterial para serem utilizadas como fontes de pesquisa científica e aborda o embasamento teológico da Festa.

O capítulo seguinte menciona as etapas iniciais da Festa. Descreve todos os procedimentos juntamente com os objetos utilizados durante as mesmas, assim como os períodos e pessoas que executam essas atividades. O capítulo final aponta as últimas etapas da Festa que são realizadas em apenas um dia.

2. A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM CACHOEIRA

Documentação Museológica e Embasamento Teológico

A Festa do Espírito Santo teve origem com grupos precatórios que, cantando alegremente, pediam esmola para o Divino. Segundo ABREU (1999), a origem da Festa do Divino é nobre e teria começado em Portugal, no início do século XIV, muito antes da reforma católica por iniciativa da rainha D. Isabel (1271- 1336), casada com o rei D. Diniz de Portugal (1261–1325). Rapidamente viria a se tornar uma das Festas mais concorridas no país português, chegando ao Brasil juntamente com o início da colonização pelos Padres Jesuítas.

Desde o período da colonização a Festa do Divino continuava a se realizar com muita pompa, isto é, grandiosidade em várias cidades do Brasil e veio a tornar-se uma das mais populares do país. Nessa Festa se arrecada donativos e era distribuída comida aos presos. Acredita-se que pela grande popularidade da Festa do Divino no Rio de Janeiro, o folclorista Câmara Cascudo defende ser esse motivo que fez José Bonifácio colocar o título de imperador para o chefe político do Brasil. Segundo Abreu (1999), o povo estava mais acostumado com o nome de Imperador do que o de “Rei”, devido a Festa do Divino.

Adiante, procurou-se fazer uma discussão sobre manifestações populares, na qual a Festa do Divino Espírito Santo está envolvida. Inicialmente abrimos uma discussão geral sobre as principais idéias que são trabalhadas na obra *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900* (1999), de Martha Abreu e as tradições populares. Para melhor compreensão do mesmo, primeiramente é necessário fazer um breve comentário de sua importância e da vivacidade em que se percebe sua originalidade na temática e profunda reflexão sobre as manifestações culturais, mais precisamente as que decorrem do meio popular.

Quando Martha Abreu se preocupou, em fins dos anos de 1980, em estudar festa religiosa e cultura popular, essa temática ainda era um terreno bastante árido, visto

que as preocupações que norteavam as análises históricas daquela época ainda eram em sua grande maioria, voltadas para as estruturas econômicas, comércio vinculado a grande produção, entre outros. Contudo, foi nesse âmbito quase irrelevante que houve a percepção para o estudo acerca da cultura ou da religiosidade, que a autora formou interesse e se debruçou em uma análise com seriedade e afinco no trabalho com as fontes.

O produto dessa pesquisa resultou em um trabalho de qualidade em que se percebe originalidade na abordagem, profundidade nas questões e ousadia, pelo feito de fazer uso de um conceito tão controverso e bastante caro para o historiador. Mesmo com esse contraste não se pode abrir mão de perceber, o quanto a autora se esforçou para seguir uma sofisticada discussão sobre cultura popular, compreendendo-a em suas variadas manifestações, decorrentes do contato entre os grupos sociais distintos: homens livres, senhores, imigrantes portugueses, escravos e libertos. Abreu consegue fazer um enfoque da Festa do Divino no Campo de Santana no Rio de Janeiro e articula as dinâmicas que foram engendradas no funcionamento dessa Festa e de como a mesma repercutia na sociedade no Rio de Janeiro ao longo do século XIX.

Nesta Festa havia barracas, que ao longo do tempo, se consolidavam como pontos de atração e divertimento, assim como era parada para aglomeração de indivíduos que iam assistir peças teatrais, atrações circenses, espetáculos de dança e mágica. Abreu (1999) relaciona os comentários dos viajantes europeus, que presenciaram as mais variadas festas de cunho religioso e popular com as memórias e estudos dos memorialistas e folcloristas. Nesta construção de análise em que a autora interliga vários pontos de vista sobre as festas é possível depreender nesses comentários o estudo, as memórias e as preocupações concernentes à unidade e à identidade nacional.

É visualizado por Abreu (1999) de forma sistemática, que a Festa do Divino aparece como um legado colonial que guarda um traço peculiar no seu funcionamento: o “catolicismo barroco”. A Festa também se caracteriza como uma manifestação popular de caráter externo, ou seja, é um culto religioso que se sobressai do campo privado e se firma no espaço público com certa ambivalência, pois é ao mesmo

tempo consternação, manifesto de fé e religiosidade, mas também de diversão, congregando artistas, músicos e dançarinos (Figura 1). Com isso, a Festa se torna algo de “profano”, e acaba por deixar abismos as testemunhas oculares, a exemplo dos pastores protestantes e viajantes europeus, que têm como referência de culto religioso a descrição do privado. Isso correspondendo para o espaço europeu, tanto para os protestantes quanto para os católicos, a despeito das restrições feitas pela Igreja Tridentina¹.

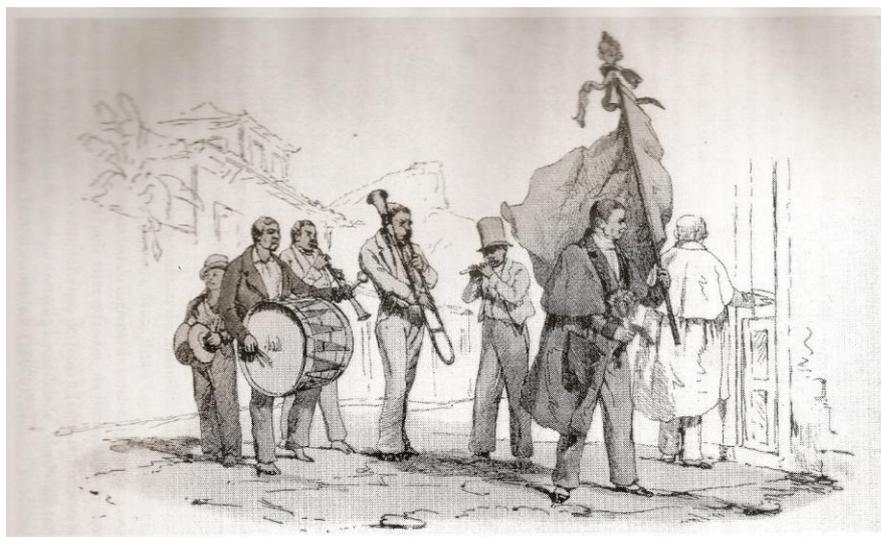


Figura 1 – Grupo precatório formado por músicos e artistas em 1845
Fonte: Abreu, 1999.

A Festa também se propõe como espaço de sociabilidade, criatividade, um local de luta e controle, onde também se manifestam as hierarquias que intercambiavam a sociedade carioca da época. Neste ínterim, a Festa está propensa à realização de ampla manifestação coletiva, perfazendo tensões, recriando valores e identidades, além de se configurar como respaldo para o imaginário coletivo e uma forma específica de celebrar o sagrado, conforme citação abaixo:

“As festas religiosas emergiram dos estudos de história cultural como um local privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e sua relação dinâmica, criativa e política com os diferentes segmentos da sociedade, seus próprios pares, representantes do poder, autoridades locais, setores eruditos e reformadores católicos ou protestantes, conforme

¹ Igreja cujas doutrinas foram modificadas a partir do Concílio de Trento (1545-1563), que unificou a prática litúrgica ocidental baseada nas mais antigas e veneráveis fontes da liturgia.

o caso. De uma forma ainda mais ampla, as festas - de caráter religioso, cívico ou carnavalesco – também foram valorizadas por esta historiografia como um atraente caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, dos comportamentos, dos gestos e dos imaginários presentes em suas celebrações” (ABREU, 1999, p. 37-38).

A Festa mobiliza várias camadas populares dos grupos sociais da sociedade carioca, mas são especificamente as irmandades uma das principais protagonistas e responsáveis pela sua organização. Com isso, apesar da Festa ser de origem nobre nas plagas lusitanas, no Rio do século XIX, a Festa faz parte do calendário litúrgico de um catolicismo extra-ortodoxo. Ou seja, a Festa não era realizada necessariamente pela alta hierarquia da Igreja, que concedia sua realização, mas não a efetivava. A responsabilidade se encontrava nas mãos das irmandades leigas (Figura 2).



Figura 2 – Irmandade do Santíssimo Sacramento do Rio de Janeiro no dia de Pentecostes
Fonte: Abreu, 1999.

A Festa também se caracteriza pela sua força e sobrevivência, mas também pelo fato de se circunscrever como símbolo para aquela sociedade. Era por sua vez, um simbolismo para quem a realizava, nesse caso as irmandades, pois demonstrava a capacidade de mobilização de esmolas para os pobres cumprindo um dos aspectos daquela sociedade: a solidariedade horizontalizada e a solidariedade vertical. Tinha

também um sentido simbólico pelo fato de agregar as várias estratificações sociais, onde se diluía por frações de tempo o relevo da distinção e separação social. Todavia, prevalecia o relevo das hierarquias, tanto é que o funcionamento da Festa atendia a cada público separadamente.

Havia um momento em que somente os grupos das elites participavam da Festa. Mas, logo em seguida, abria caminho para que escravos, homens livres, pobres e libertos se reunissem em torno das barracas para as mais variadas diversões. Por último, havia o sentido simbólico para a própria monarquia imperial. É plausível entrever como a idéia de “império” perpassava seu sentido sagrado e acabava resvalando ao sentido político em um momento de consolidação do estado monarquista brasileiro.

Obedecendo ao calendário cristão, a Festa do Divino Espírito Santo, também chamada de Festa de Pentecostes, inicia-se após o período da Quaresma². Com o término da Quaresma, marcado pelo domingo de Páscoa, espera-se passar as sete semanas pascais, um período equivalente a 50 dias, em que então a Festa de Pentecostes tem por sua vez o seu acontecimento. Portanto a Festa acontece dando sequência a outros períodos religiosos comemorados pela Igreja Católica. A Festa é realizada em diversas etapas, na qual se utilizou dos conceitos da Documentação Museológica para descrever e registrar essa manifestação cultural na cidade de Cachoeira. Pois através da prática de documentar é possível levantar informações sobre a Festa e registrá-la, tornando-as um documento científico e logo, fonte de pesquisa, conforme cita Helena Ferrez:

“A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento” (FERREZ, 1994, p. 01).

² Compreende aos quarenta dias que tem o seu início na quarta-feira de cinzas e tem o seu término no domingo de páscoa, destinado pelos católicos e ortodoxos à penitência e reflexão espiritual.

Percebe-se que nos últimos anos, a Museologia avançou consideravelmente no âmbito dos estudos da cultura imaterial com diversos registros de manifestações culturais. Isso demonstra o enfoque prático nas realizações de atividades que visam à preservação do patrimônio cultural, demonstrando também a ampliação do conceito de patrimônio, especialmente a partir da Carta do México em 1976, conforme destaca Sena:

“Já nos anos 1970 assistimos uma ampliação da noção do conceito de patrimônio, em parte devido a novas reformulações advindas do conceito antropológico de cultura. A carta do México de 1976 é um reflexo desses processos, é um manifesto da cultura do ponto de vista antropológico, a cultura deixa de ser uma erudição e passa a ser modo de pensar, um direito de todos os povos. O cotidiano, as manifestações populares e a diversidade cultural passam a influenciar novas formas de atribuição de valor pelo Estado” (SENA, 2008, p. 04).

A documentação da Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira contribui para a ampliação dos estudos museológicos e suas análises, abrangendo os diversos momentos de aspectos da cultura imaterial na comunidade cachoeirana, assim também como o desenvolvimento do campo da documentação museológica quanto ao acesso e registro de informações ainda não documentadas, a exemplo desta Festa. Diante disso, torna-se fundamental o desenvolvimento de pesquisas sobre as tradições culturais nas quais o pesquisador precisa explorar o tema a partir da apropriação do conhecimento sobre o mesmo, de forma que se registrem ao máximo as informações, conforme coloca Cândido:

“É consenso hoje que as atividades no campo da Museologia não se podem restringir a compilações, tipologias, levantamentos de dados e consultas a fichários por parte dos pesquisadores, pois é a apropriação do conhecimento que cria o sistema documental. Isto significa dizer que o pesquisador não faz o documento: é o pesquisador quem fala, e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala, como em qualquer outra pesquisa histórica” (CANDIDO, p. 37, 2006).

A documentação dessa manifestação demonstra relevante importância, pois apresenta aspectos peculiares sobre a festa que ao decorrer do tempo vem se modificando, merecendo, desta forma, a atenção de estudiosos da área. Como se trata de uma manifestação cultural, a Festa do Divino em Cachoeira encontra-se num processo dinâmico de atividades, ou seja, há mudanças com o passar dos anos, fazendo com que muitos aspectos utilizados atualmente possivelmente não sejam mais conservados, sendo assim, o trabalho de documentação deixará registrado essas peculiaridades.

O desenvolvimento desse trabalho fornece ainda subsídios para uma possível contribuição acerca do interesse em registrar a manifestação como patrimônio cultural imaterial. Visto que se trata de uma manifestação cultural de caráter popular, expressada por uma comunidade, conforme aborda Gilmar Arruda, para manifestações que possuem esse caráter:

“De forma ampla, o conceito de patrimônio imaterial encontra-se associado, nos documentos internacionais da Unesco, bem como nos nacionais, ao de ‘cultura tradicional e popular’. Essa ‘cultura tradicional e popular’ é definida, como regra geral, nesses documentos, como ‘... conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas correspondem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes’ ” (UNESCO, 1989 apud ARRUDA, 2006).

Ressalta-se que este trabalho foi desenvolvido por uma pessoa inserida no sistema a ser estudado, pois o mesmo é oriundo do local e participa da manifestação há muitos anos. Processo que facilitou o desenvolvimento da pesquisa, devido ao conhecimento empírico do autor com o tema. Apesar do mesmo participar da Festa, a sua análise tentou ser a mais neutra possível, assumindo comprometimento com a pesquisa, a qual esteve acima de suas crenças particulares.

2.1 DESCRIÇÃO DOS SÍMBOLOS DA FESTA DO DIVINO NA IGREJA MATRIZ

Tabela com descrição da coroa segundo o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural

| LOCALIZAÇÃO | | IDENTIFICAÇÃO | |
|---|-------------------------------|--|--|
| 01- UF/MUNICÍPIO | 08- DESIGNAÇÃO | 15- Nº DE INVENTÁRIO | |
| BA – Cachoeira | Coroa | ANTERIOR/ANO | |
| 02- CIDADE/LOCALIZAÇÃO | 09- ESPÉCIE | 16- ORIGEM | |
| Cachoeira | Objeto litúrgico | | |
| 03- ENDEREÇO | 10- NATUREZA | 17- PROCEDÊNCIA | |
| Rua Ana Nery, s/n | Ourivesaria | | |
| 04- ACERVO | 11- ÉPOCA | 18- MODO DE AQUISIÇÃO/ DATA | |
| Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário | Século XVIII | | |
| 05- LOCAL NO PRÉDIO | 12- AUTORIA | 19- MARCAS/ INSCRIÇÕES/ LEGENDAS | |
| Consistório | | | |
| 06- PROPRIETÁRIO | 13- MATERIAL / TÉCNICA | 20- DIMENSÕES | |
| Arquidiocese de Salvador. Praça da Sé, nº 01 - Salvador | Prata/ Fundida/ Cinzelada | Altura: 37,5 cm Largura Comprimento Profundidade Diâmetro: 19 cm Peso: 800g Circunferência | |
| 07- RESPONSÁVEL IMEDIATO/ ENDEREÇO | 14- NÚMERO | | |
| Con. Hélio César Leal Villas- Boas. Rua Ana Nery, s/n – Cachoeira | BA/ 94-0001.0226 | | |



Figura 3 – Coroa da Festa do Divino da cidade de Cachoeira - Bahia
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

21- DESCRIÇÃO

Coroa imperial fechada, bordo liso e friso entrelaçado, base com decorações vazada e recortada de flores, acantos, rocalhas, cartelas, curvas, contracurvas e quatro ornatos de forma triangular contornados por cordão e encimado por esfera, dispostos com equidistância; quatro hastes com decoração vazada de rocalhas, cartelas, flores, ornatos reticulado intercalados por flores; friso contornando as hastes; estas unem-se por ornato em forma de cubo encimado por pomba em posição de vôo.

22- DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA/ LOCALIZAÇÃO

Fotos: BA/ 94-0001.0226

Contato: P001/ F05-1A

Negativo: P001/ F10-1B

Operador/ Data: Heraldo – Fev/ 94

PROTEÇÃO

23- PROTEÇÃO LEGAL

OBSERVAÇÕES: Proc. Nº 198 - T, Livro Histórico e Livro das Belas Artes. Em 15. IX. 1939.

FEDERAL ESTADUAL MUNICIPAL

TOMB. INDIVIDUAL TOMB. EM CONJUNTO

24- CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

BOA RAZOÁVEL RUIM

25- ESTADO DE CONSERVAÇÃO

EXCELENTE BOM REGULAR

MAU PÉSSIMO

ANÁLISE HISTÓRICO-ARTÍSTICA

26- ESPECIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

27- RESTAURAÇÕES / RESTAURADORES / DATA

28- CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

As hastes são aparafusadas à base. Na parte interna da base cruzeta com extremidades soldadas à mesma.

A pomba é aparafusada ao ornato.

29- CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS

Coroa de riqueza decorativa ímpar. Esta peça é uma síntese do gosto profuso e variado que impregnou o final do século XVIII no mundo luso-brasileiro.

30- CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS/ ORNAMENTAIS

Pomba simbolizando o Espírito Santo. Acantos, rocalhas, cartelas, flores, curvas, contracurvas e triângulos.

31- DADOS HISTÓRICOS**32- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / ARQUIVÍSTICAS****33- OBSERVAÇÕES**

Tabela com descrição do cetro segundo o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural.

| LOCALIZAÇÃO | | IDENTIFICAÇÃO | |
|---|--------------------------------------|---|--|
| 01- UF/MUNICÍPIO | 08- DESIGNAÇÃO | 15- Nº DE INVENTÁRIO | |
| BA – Cachoeira | Cetro | ANTERIOR/ ANO | |
| 02-CIDADE/LOCALIZAÇÃO | 09- ESPÉCIE | 16- ORIGEM | |
| Cachoeira | Objeto litúrgico | | |
| 03- ENDEREÇO | 10- NATUREZA | 17- PROCEDÊNCIA | |
| Rua Ana Nery, s/n | Ourivesaria | | |
| 04- ACERVO | 11- ÉPOCA | 18- MODO DE AQUISIÇÃO/ DATA | |
| Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário | Século XIX | | |
| 05- LOCAL NO PRÉDIO | 12- AUTORIA | 19- MARCAS/ INSCRIÇÕES/ LEGENDAS | |
| Consistório | | | |
| 06- PROPRIETÁRIO | 13- MATERIAL / TÉCNICA | 20- DIMENSÕES | |
| Arquidiocese de Salvador – Praça da Sé , nº 01. Salvador | Prata/ Fundida/ Batida/ Cinzelada | Altura: | |
| | | Largura | |
| | | Comprimento: 51 cm | |
| | | Profundidade | |
| | | Diâmetro | |
| 07- RESPONSÁVEL IMEDIATO/ ENDEREÇO | 14- NÚMERO | Peso: 263 g | |
| Con. Hélio César Leal Villas- Boas. Rua Ana Nery, s/n – Cachoeira | BA/ 94-0001.0236 | Circunferência | |



Figura 4 – Cetro da Festa do Divino da cidade de Cachoeira – Bahia
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

21- DESCRIÇÃO

Cetro de forma cilíndrica, com extremidade decorada com ornato em forma de cálice de flor centrado haste com pomba em voo; na parte mediana, dois cálices de flor, dispostos de maneira invertida, centradas por friso; na extremidade oposta ornamento torneado em ponta.

22- DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA/ LOCALIZAÇÃO

Fotos: BA/ 94-0001.0236

Contato: P001/ F06-4A

Negativo: P001/ F10-4B

Operador/ Data: Heraldo – Fev/ 94

PROTEÇÃO

23- PROTEÇÃO LEGAL

OBSERVAÇÕES: Proc. Nº 198 - T, Livro Histórico e Livro das Belas Artes. Em 15. IX. 1939.

FEDERAL ESTADUAL MUNICIPAL

TOMB. INDIVIDUAL TOMB. EM CONJUNTO

24- CONDIÇÕES DE SEGURANÇA

BOA RAZOÁVEL RUIM

25- ESTADO DE CONSERVAÇÃO

EXCELENTE BOM REGULAR

MAU PÉSSIMO

ANÁLISE HISTÓRICO-ARTÍSTICA

26- ESPECIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

27- RESTAURAÇÕES / RESTAURADORES / DATA

28- CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Composto de peça única, com ornatos soldados.

29- CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS

As folhas de acanto presentes na peça tratadas de forma tão racional e estilizadas vão tipificar o estilo do século XIX.

30- CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS/ ORNAMENTAIS

Cetro, insígnia real. Pomba: símbolo do Espírito Santo. Cálices de flor.

Deve pertencer a alguma irmandade do Santíssimo Espírito Santo e usado pela figura do "Imperador" quando há sua festa.

31- DADOS HISTÓRICOS**32- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / ARQUIVÍSTICAS****33- OBSERVAÇÕES**

2.2. EMBASAMENTO TEOLÓGICO DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

A fundamentação inicial fala da Santíssima Trindade, que são três pessoas divinas em uma: Deus Pai - o criador; Deus Filho (Jesus) - o redentor; e Deus Espírito Santo - o santificador. Estes são indivisíveis no princípio da criação (CIC /CNBB, 1999, p.85,). Conseqüentemente, ao escrever sobre o Espírito Santo, logo relacionamos as pessoas do Pai e do Filho, conforme descrição abaixo:

2.2.1 Deus Pai, o criador

Contemplando esse paraíso divino (a Trindade), é que se chega a uma conclusão para a questão das origens, que só a existência de um Deus Criador explica pelo conhecimento de suas obras. Assim, a fé confirma e traz luz na compreensão desse acontecimento: “Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram formados por uma palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem sua origem em coisas manifestas” (Hb 11,3).

Na criação, pode-se observar a primeira obra da Santíssima Trindade: “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Toda criação do céu e da terra foi feita através do Verbo. Nesta ação criadora, o Filho e o Espírito estão sempre juntos ao Pai. Diz a Sagrada Escritura que pelo seu verbo e sabedoria Deus realizou sua obra criadora porque Ele é o Autor, o Criador e o Ordenador, e seus braços são o Filho e o Espírito (CIC /CNBB, p.86, 1999).

Na economia da salvação, a Trindade Santa nunca se divide e, sendo Deus, lança abundantemente o dom do amor pela terra a seus filhos adotados pelo Pai, no corpo de seu Filho. Ele, Cristo, é a imagem visível do Deus invisível.

“A missão conjunta se desdobrará então nos filhos adotados pelo Pai no Corpo do seu Filho: a missão do Espírito de adoção será uni-los a Cristo e fazê-los viver nele” (CIC /CNBB, 1999, p. 199,).

2.2.2 Filho Jesus, o Redentor

Em Cristo, encontra-se a imagem de Deus Pai. Sendo ele a imagem do Criador invisível, Jesus, Deus feito homem, é o redentor e salvador da humanidade, a representação divina na pessoa do homem Jesus de Nazaré. Quem nele crê, torna-se filho de Deus.

O nome Jesus significa que o próprio nome de Deus está presente na pessoa de seu Filho feito homem. Em hebraico quer dizer “Deus salva” e foi nomeado no instante em que o anjo Gabriel anunciou a sua chegada, dando o nome próprio de Jesus, porque Deus está presente no seu filho. Nas sinagogas de Damasco, o apóstolo Paulo prega que Jesus é o filho de Deus, é o seu Cristo, o Messias prometido, seu ungido no Espírito Santo (At 9,20). Toda a vida de Jesus é revelação do Pai: palavras, atos, sofrimentos, maneira de ser e agir. Jesus pode dizer: “Quem me vê, vê o Pai (Jo 14,9); e o Pai pode dizer: “Este é o meu Filho, o eleito, ouvi-o” (Lc 9,35).

2.2.3 Espírito Santo, O Santificador

O Espírito Santo é o nome próprio daquele que é adorado e glorificado com o Pai e o Filho, a terceira pessoa da Santíssima Trindade. O termo em hebraico (ruah), traduz-se como sopro, ar, vento. Jesus utiliza a imagem sensível do vento para sugerir a Nicodemos a novidade transcendente daquele que é pessoalmente o sopro de Deus, o Espírito Divino. Desde o começo da criação, até a plenitude do tempo a missão conjunta do Verbo (Jesus) e do Espírito permanece escondida, mas está sempre em ação. O Espírito pode ser identificado através da ação de Deus Pai no mundo.

Conforme afirma o apóstolo Paulo, “Ninguém pode dizer ‘Jesus é Senhor’ a não ser pelo Espírito Santo” (1Cor 12,3) e ainda, “Deus enviou a nossos corações o Espírito de seu Filho que clama: Abbá, Pai!” (Gl 4,6). Somente é possível encontrar essa fé através do Espírito Santo. Na Igreja católica esse encontro ocorre através do primeiro sacramento da fé: o batismo, onde o batizado é inserido no mistério da vida

trinitária. Batizado no Espírito Santo, o cristão tem sua vida voltada para o Pai e entregue ao Filho.

“O Batismo nos concede a graça do novo nascimento de Deus Pai Por meio de seu Filho no Espírito Santo. Pois os que têm o Espírito de Deus são conduzidos ao Verbo, isso é ao Filho; mas o Filho os apresenta ao Pai, e o Pai lhes concede a Incorruptibilidade. Portanto, sem o Espírito não é possível ver o Filho de Deus, e sem o Filho ninguém pode aproximar-se do Pai, pois o conhecimento do Pai é o Filho, e o conhecimento do Filho de Deus se faz pelo Espírito Santo” (CIC /CNBB, 1999, p.196-197,).

Na ação divina que se comunica com os homens, sendo o último nas pessoas da Santíssima Trindade, o Espírito Santo que é sempre revelado dá a alegria de conhecer Cristo, o seu Verbo, a sua Palavra viva, porém não se revela a si mesmo, mas o que está em Deus: “O que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus” (1 Cor 2,11).

O Espírito Santo é a união de Cristo que é a cabeça do Corpo, a igreja. Assim a missão da igreja não é acrescentada à de Cristo e do Espírito Santo, mas sacramento (sinal) dela. A igreja é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade. Em Pentecostes, dá-se a efusão do Espírito Santo derramado sobre os discípulos de Cristo: “(...) veio do céu um ruído, como um vento impetuoso, que encheu toda a casa em que estavam sentados. Viram aparecer, então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e foram pousar sobre cada um deles e todos ficaram cheios do Espírito Santo” (At 2, 1ss).

“A forma tradicional para pedir a vinda do Espírito é invocar o Pai por Cristo, nosso senhor, para que nos dê o Espírito Consolador. Jesus insiste nesse pedido em seu nome exatamente no momento em que promete o dom do Espírito de Verdade. Mas a oração mais simples e mais direta é também tradicional: ‘Vinde, Espírito Santo’. ‘Vinde, Espírito Santo’, enchei os corações de vossos ‘Fíéis e acendei neles o fogo de vosso amor’ ” (CIC/CNBB 1999, p.685,).

3. A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM CACHOEIRA

Escolha do Imperador, Preparação da Festa e Novenas

Nesta monografia, referente à Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira, procura-se descrever as informações conforme a sequência das atividades que compõem a manifestação cultural, ou seja, explicar todo o roteiro para a produção e/ou realização da celebração para que fiquem esclarecidas todas as etapas desse evento. Segue abaixo as etapas da Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira. Neste capítulo, serão abordadas as etapas iniciais, que correspondem à parte da escolha do imperador, da preparação da Festa, e da novena que antecede à Festa, conforme tabela abaixo:

| Tabela 1 – ETAPAS DA FESTA DO DIVINO | | |
|--------------------------------------|-------------------------------|---------------------------------------|
| ETAPA | PERÍODO | QUEM REALIZA |
| Escolha do imperador | Final da Festa de Pentecostes | Padre, madrinhas e devotos da Festa |
| Preparação da Festa | 1 ano | Família do Imperador |
| Novena | 9 dias | Padre, família do Imperador e devotos |

3.1. A ESCOLHA DO IMPERADOR

Em Cachoeira, atualmente a escolha do Imperador acontece anualmente e ocorre quando o pároco se reúne com a comissão organizadora da festa na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, na qual, entre estas pessoas pertencentes à comunidade católica, estão envolvidas as chamadas “Tias do Divino”. São mulheres devotas da Festa do Divino que apóiam a organização da Festa. Essas mulheres têm a função de orientar e acompanhar a estruturação da Festa todos os anos, dando suporte à família para que esta venha produzir a mesma dentro dos padrões estabelecidos e exigidos pela paróquia cachoeirana. Além do pároco e das “Tias do Divino”, há outras pessoas que são devotas da Festa e que como já organizaram o

evento nos anos anteriores, também se unem para decidir sobre a escolha do novo imperador do Divino.

Ao longo do ano e em reuniões marcadas previamente pelo pároco, a comissão organizadora se encontra para fazer um levantamento dos possíveis candidatos aptos ao cargo de imperador, como também as principais propostas individuais apresentadas pelas famílias dos garotos que querem se candidatar e se estas estão dentro dos critérios definidos pela Igreja.

Anteriormente, até por volta de 1920 na cidade de Cachoeira, os imperadores eram homens adultos que pertenciam à comunidade católica, porém no decorrer do tempo com a própria dinâmica da festa esse critério foi modificado³ (Figura 5). Entre os critérios que atualmente regem a escolha do imperador encontram-se a exigência de ser filho de um casal da comunidade católica e que esteja na faixa etária equivalente entre 8 e 12 anos de idade. O garoto além de ser batizado na Igreja Católica Apostólica Romana tem que estar sempre acompanhando as missas e festividades da Igreja da comunidade local junto com sua família. Feita a escolha, o menino é submetido à apreciação e depois de escolhido a família é procurada e informada sobre a escolha.



Figura 5 – Festa do Divino em Cachoeira com um imperador na idade adulta
Fonte: Acervo de Jomar Lima

³ O último imperador adulto da Festa de Pentecostes chamou-se Francisco Moreira Pinto, que nos anos 20 teve sua celebração presidida pelo Cônego Augusto Cavalcante de Albuquerque.

A posse do novo imperador é feita com a entrega do cetro e da bandeira, confirmando que a criança foi contemplada como o mais novo imperador. A entrega do cetro é feita em público no altar-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário no final da celebração de Pentecostes, seguido do anúncio do nome do novo imperador para todos os presentes na celebração e na sequência todos em procissão, vão até a residência do garoto recém nomeado e então sucessor do imperador atual para a entrega da bandeira do Divino.

Antigamente, a bandeira era posta na residência de forma que ficasse a vista de todos os cidadãos que passassem pela frente e reconhecessem a casa do novo imperador. Porém com o passar do tempo, essa parte da tradição veio se enfraquecendo ao longo do tempo e até então a bandeira não é mais colocada a vista da comunidade por motivos de segurança.

A bandeira fica guardada na residência oficial do imperador que está reinando até que haja a posse do próximo imperador. Então a partir desse ponto, a família que irá realizar a festa, recebe a bandeira na sua residência e começa a pensar nos primeiros passos para a preparação da Festa que ocorrerá dentro de um ano. Esse período de preparação do evento é o ano que o imperador empossado está reinando.

3.1.1 O Primeiro Imperador Negro da Festa do Divino

A Festa do Divino do ano de 1990 foi uma das mais impactantes na comunidade, pois foi eleito o primeiro Imperador negro do evento chamado Kleidney Santos Souza⁴ (Figura 6). Esse reinado gerou na comunidade muitas insatisfações por parte de alguns fiéis, e alguns seguidores da Igreja, pois se tratava de uma Festa de origem elitista, que até aquele ano só participavam como imperador garotos da alta classe, que tinham bom poder aquisitivo ou muita influência na sociedade cachoeirana. Em sua totalidade, as famílias que realizavam a Festa naquela época, eram de cor branca.

⁴ Nascido em 16 de outubro de 1979, reinando com 10 anos, filho de Benício Souza e Cleuza Maria Santana Santos Souza, residente a Ladeira Manoel Vitorio s/n, com o cortejo saindo da sua residência para a Igreja Matriz em Cachoeira, conforme descrito no Apêndice B desta monografia.

O racismo imperava de maneira bastante forte, pois essa Festa servia até de disputa na cidade, sempre quem se responsabilizava para fazer a Festa, queria fazê-la de maneira diferente, com bastante luxo, aparato suntuoso e magnífico, sempre superando a festa do ano anterior. Diante disso, chegou-se a um patamar que só fazia a Festa quem tinha muito dinheiro, pois os gastos eram muito exorbitantes. Principalmente na produção da roupa do imperador que possuía muita gala, não sendo diferente do luxo encontrado nas vestes de sua corte. Ao final das celebrações religiosas, era oferecido até um banquete com banda de bois, porcos, perus e galinhas com participação das filarmônicas que tocavam durante o dia e a noite na casa da família que realizou a Festa.



Figura 6 – O primeiro imperador negro da Festa do Divino em Cachoeira – Bahia
Fonte: Acervo da família do Imperador Kleidney Santos Souza, 2011.

Depois que foi escolhido na missa das crianças para ser o novo imperador, a pressão foi muito forte para a retirada de Kleidney do posto, pelo fato de ser negro, de origem humilde, não ter uma boa condição financeira e influente na alta classe cachoeirana e também pelo fato de seus pais serem proprietários de um terreiro de candomblé na cidade. Foi então que as “Tias do Divino” em Cachoeira, Vera, Marília, Sonia; e o pároco da cidade, padre Hélio, justificavam para quem mostrava

insatisfação que se o menino foi eleito na missa das crianças, não tinha como revogar a decisão que mesmo com grande pressão foi mantida.

Assim, Kleidney foi aclamado em 1990 como o primeiro imperador negro na história da Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira, quebrando o preconceito existente até aquele ano. Depois dele houve outros imperadores negros, ficando a Festa mais democratizada e sem distinção de cor para ser o imperador do Divino.

3.1.2 O imperador que reinou por dois mandatos

Segundo relatos de pessoas da comunidade, na Festa do Divino houve um imperador que reinou duas vezes, sendo, portanto um acontecimento raro. Isso aconteceu nos anos de 1970 e 1971. Esta é a única ocasião que os fiéis se recordam na qual isso aconteceu na festividade. O Imperador foi Evandro Pereira Gomes (Figura 7), filho de Manoel Martins Gomes e Iolanda Pereira Gomes. Em 1970, no seu primeiro reinado, tinha 11 anos; e em 1971, no seu segundo reinado, tinha 12 anos. Isso aconteceu devido ao fato da tia do imperador ter falecido na semana da Festa, assim, não foi possível realizar as festividades como era de costume, fazendo de forma bastante simples.

Assim que terminou a Festa em 1970, o saudoso pároco Monsenhor Fernando Carneiro de Almeida, pediu à família que aceitasse fazer novamente a Festa do ano seguinte, e foi aceito. Em 1971, a Festa foi feita com todo brilhantismo, ou seja, com muito luxo, comida e bebida, seguindo a tradição. O cortejo saiu da Rua 13 de maio, 39, centro de Cachoeira, para a Igreja Matriz. Nessa década ainda se libertava um preso e a cadeia ficava no largo D'Ajuda, onde hoje ficam as instalações das secretarias municipais. O preso libertado participava da missa, almoçava na casa do imperador junto com a corte, a família e algumas autoridades da cidade, e então estava em liberdade. Logo após a primeira remessa do almoço, todos os convidados começavam a se servir com o prato volante, isso é, cada pessoa fazia seu prato e saía para almoçar em qualquer área da casa.

Quando começava a saída da bandeira pela cidade, havia devotos que não possuíam nada para doar, sendo assim, colocavam até ovo na bolsa da beneficência. Além disso, havia fiéis que guardavam dinheiro só para fazer sua colaboração nesse dia. Na passagem da bandeira pelas residências, muitos fiéis choram de emoção. A Festa desperta o sentimento de fé das pessoas, é um momento de muita religiosidade.



Figura 7 – Imperador Evandro Pereira Gomes que reinou por duas vezes consecutivas
Fonte: Acervo da família Pereira Gomes, 2011.

Nesse período, durante o cortejo, as pessoas colocavam toalhas nas janelas de suas casas nas cores da Festa do Divino, a cor vermelha ou branca. Além disso, colocavam plantas nas portas, para homenagear e abrigar a Festa ainda mais. Atualmente a população não pratica desta forma, são poucas as casas que contemplam essa decoração nas ruas.

Ainda nos anos de 1970 e 1971, foi feita uma ala de ex-imperadores e juizes para esperar o cortejo e o imperador na porta da Igreja, como uma forma de homenagear essa tradição, pois quando o imperador chegava à frente do Santuário era um momento bastante significativo. Em seguida, acontecia toda a solenidade de Pentecostes e, no final, era passado o cetro. Com isso, encerrava-se a solenidade e o imperador levava a bandeira na casa do novo imperador.

Posteriormente no mesmo dia, logo após a missa festiva, dava-se início às comemorações festivas na casa da família que fez o evento, com a filarmônica tocando o dia todo e entrando a noite, havendo muita comida e bebida para quem participou da solenidade e também para qualquer pessoa conhecida da família, mesmo sem ser convidada.

3.1.3 O primeiro Imperador do 3º Milênio

Na Festa do Espírito Santo em Cachoeira no ano de 2001, a bandeira circulou pelas ruas da cidade durante sete domingos consecutivos, pedindo ajuda para a realização da mesma. Em seguida, aconteceram a novena de Pentecostes que se iniciou no dia 25 de maio e terminou em 2 de junho, sendo um palestrante para cada noite, no total de nove, e foram providenciados os “livretos da novena” para orientação da referida novena. Nos dias da novena, antes de começar a mesma, a bandeira do Divino era hasteada na porta da Igreja, com a presença dos participantes, cantando o Hino da bandeira do Divino.

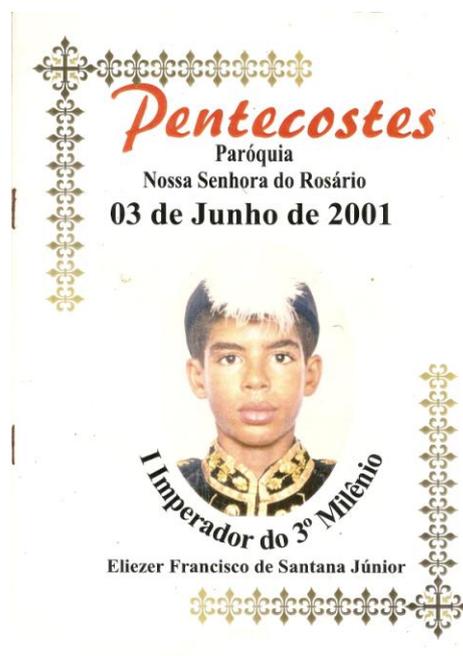
Na Festa do Divino deste ano, foi aclamado o primeiro Imperador do terceiro milênio na Paróquia Nossa Senhora do Rosário no dia 3 de junho 2001, o garoto Eliezer Francisco de Santana Junior (Figura 8), que teve como celebrante o Padre Paulo Roberto Bittencourt de Souza e como orador o Padre Kleber Santana. Seu cortejo passou pelas ruas da cidade de Cachoeira ao som da Filarmônica Lira Ceciliana.

A mensagem que o Imperador deixou no **“livreto de cânticos de Pentecostes”** (Figura 9), entregue no dia da celebração a todos os presentes foi a seguinte:

“Seguindo o exemplo de Maria Santíssima que rezou com toda a família de Deus pela descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, uma nova família, a família de Eliezer e Ana Pedra vive o amor, alegria, paz, fidelidade e agradecimento a Deus pelo nascimento do seu 3º filho Eliezer Francisco de Santana Junior em, 17.11.1989, acolhido com muito carinho pelos familiares. Confiantes de que todo dom excelente, toda graça perfeita vem do alto e desde Pai das Luzes, Eliezer e Ana escolheram Valdo Aleluia e

Sandra para no dia 07 de outubro de 1990, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, sob as bênção do Pe. Hélio Leal Vilas-Boas, fazerem de “Júnior” cristão através do Sacramento do Batismo. Fiel a sua Igreja e sua fé, Eliezer Júnior fez a primeira eucaristia e hoje alimentando a alegria dos seus pais cursa a 6ª série no Colégio SS. Sacramento, sendo aclamado pela comunidade cachoeirana o 1º Imperador do 3º Milênio. Filho amado de Deus, Júnior agradece pela alegria de crer no Espírito Santo e adorá-lo juntamente com Pai e o Filho na Festa de Pentecostes (LIVRO DE PENTECOSTES, 2001. p.01).

Logo após o cortejo, aconteceu a coroação e em seguida a celebração de Pentecostes com o tema “**Este é o meu filho muito amado!**” (Mt 3, 17). Logo após a passagem do cetro para Fabrício Menezes Macedo que foi o próximo imperador, foram feitos os agradecimentos pela família. Em sequência, foi entregue a bandeira na residência do novo imperador. Para finalizar, foi oferecido um grande bolo com refrigerante a todos os presentes no centro paroquial.



Figuras 8 e 9 – Primeiro Imperador do terceiro milênio e livreto da celebração da Festa de 2001
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

3.2 MUDANÇAS NA FESTA DO DIVINO

Conforme alguns participantes da Festa do Divino, até 1986, a mesma era feita por uma pessoa pertencente às famílias com alto poder econômico ou com muita ascensão social na cidade. Não se observava se a família era da Igreja ou não, ou seja, famílias que participavam ativamente de atividades católicas da cidade, o que importava era que a família tivesse condições financeiras para fazer uma grande Festa, na qual chamasse a atenção da comunidade, isto é, com pompa e muito luxo na formação do cortejo, principalmente no que diz respeito às indumentárias do Imperador.

Com roupas finas e bem trabalhadas, o intuito era mostrar para a comunidade o seu poder aquisitivo, e no dia de Pentecostes deveria ter uma ou duas filarmônicas acompanhando o cortejo. Estas ficavam na sua residência tocando durante todo o dia para animar a Festa. Ainda era servido um grande banquete para as pessoas presentes, sendo oferecidas comidas e bebidas. Algumas comemorações chegavam a ser bastante prolongadas e se estendiam até a madrugada do dia seguinte.

A partir do ano de 1986, a Igreja começou a ter dificuldade para dar prosseguimento a Festa nesse mesmo patamar, sendo difícil encontrar uma família para fazê-la, ou seja, um candidato a imperador. Sendo assim, nesse mesmo ano, o pároco da cidade Padre Hélio Leal Vilas-Bôas resolveu reunir-se com as “Tias do Divino” e algumas pessoas fiéis à Festa para encontrar uma solução. Foi então que nessa reunião chegaram a uma saída - a partir daquela data só aceitariam candidatos a imperador, garotos que participassem da missa das crianças, independente da posição socioeconômica da sua família. Essa missa era realizada semanalmente na Igreja Matriz da cidade.

Desta forma, foi realizada pela primeira vez uma eleição para a escolha do novo imperador. Para isso, utilizaram-se grãos de alimentos como milho, feijão, soja e amendoim, conhecidos como grãos da terra. A eleição consistiu da seguinte forma: cada menino que se candidatou para ser imperador era representado por um grão e a votação era feita pelas outras crianças da missa, sem interferência dos adultos.

A partir daquela data se o juiz da Festa não tivesse condição de fazer a mesma, todos da comunidade católica tinham a obrigação de ajudar nas vestes dos integrantes da Festa, na arrumação da Igreja e em tudo que fosse possível para que a Festa acontecesse, tirando muitas extravagâncias que antes fora realizadas, a exemplo de: não realizar o banquete oferecido para todas as pessoas da comunidade participante da Festa e que antes era realizado após a solenidade de Pentecostes, servindo apenas um bolo com refrigerante; desfeito o luxo excessivo das vestes do imperador e da sua corte e, por fim, não promover Festa na residência do imperador com a filarmônica se apresentando durante todo o dia e às vezes à noite. Diante disso, muitas famílias demonstraram interesse para que seus filhos fossem imperadores por ter condições de realizar a Festa.

São vistas no decorrer do tempo, mudanças no que diz respeito as roupas e costumes devido a própria dinâmica da Festa. Há muito tempo atrás existia a Irmandade de Bom Jesus da Paciência (Figura 10) que era uma irmandade que todo ano acompanhava a Festa do Divino Espírito Santo no seu cortejo tradicional de Pentecostes. Caracterizada por sua capa vermelha, essa irmandade nasceu na Ordem Terceira do Carmo e em determinado tempo da sua história sofreu uma divisão, a partir de então começou a fazer suas reuniões e sair em procissão da Igreja do Amparo.

Com a demolição da Igreja do Amparo (Figura 11), alguns anos depois, a irmandade foi forçada a passar suas reuniões e cultos religiosos na Igreja Nossa Senhora do Rosário (Igreja Matriz). Em seguida tornou a mudar-se, dessa vez para Igreja Nossa Senhora dos Remédios, ficando junto com mais duas irmandades, a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios e Irmandade Nossa Senhora do Rosário do Monte formoso. As três exerciam os seus trabalhos com sede na Igreja do Rosarinho, porém hoje não existem mais, foram dissolvidas.

Até hoje algumas irmandades quando solicitadas através de ofício pelo juiz da Festa, se fazem presentes na Igreja, participando da solenidade de Pentecostes como a exemplo da Irmandade da Boa Morte, a Irmandade Coração de Jesus, a Irmandade da Ordem Terceira do Carmo, entre outras.



Figuras 10 e 11 – As extintas Irmandade de Bom Jesus da Paciência e a Igreja do Amparo
 Fonte: Acervo da família dos imperadores Emanuel Divino da Silva Júnior e Eliezer Francisco de Santana Júnior, 2011.

3.3. PREPARAÇÕES DA FESTA

Caso a família aceite a nomeação do filho para ocupar o cargo de futuro imperador é passada toda informação necessária a respeito do calendário festivo que organiza as datas de todo o processo da produção da Festa. Essas informações vão desde o acompanhamento assíduo do imperador nas missas ao longo do ano na comunidade católica, como também os períodos pré-estabelecidos dos eventos ligados à Festa do Divino, de maneira ordenada, a partir da contagem da páscoa.

Esta família terá um ano para estruturar todo o aparato para a construção da Festa do Divino a partir do conselho recebido pelo seu antecessor (antigo imperador) e família do mesmo na forma de contribuir ideologicamente na constituição de peças importantes da Festa como os componentes do cortejo, as roupas usadas pelos componentes, inclusive as do imperador; o modelo de roupa (cor e tecido), o controle do orçamento da Festa, ornamentação da Igreja e ensaios dos cânticos pelo coral em período que antecede a Festa.

Nas décadas de setenta e oitenta quase toda indumentária dos imperadores e roupas usadas no cortejo, ficavam a cargo de dona Edna Jambeiro, pessoa simples no seu modo de viver, porém com mãos apuradas na costura, fazendo bordados de grande valia, com muita precisão e beleza que chamavam a atenção das famílias que encomendavam os trajes para a Festa do Divino. Dona Edna fazia bordados finos nos mantos com mais de três metros, usando lantejola, vidrilho e contas na

cor de ouro. Fazia calças com material fino de tecido mole, blusão de veludo também bordado da mesma forma do manto, chapéu de veludo nas cores vermelha ou azul, e por cima colocava pluma ou penacho de pavão na cor branca, que serão descritos posteriormente.

Os trabalhos de organizar e executar as tarefas ficam a cargo dos pais e dos familiares do imperador, auxiliados por alguns devotos, até mesmo alguns deles que já realizaram a Festa. Mas no fim, se juntam a comunidade cristã e toda a família do imperador escolhido, dividindo as tarefas a serem executadas, pois a Festa é uma tarefa árdua e bastante trabalhosa.

Na parte trabalhosa, está a peregrinação durante sete domingos que antecedem o domingo em que há a realização da Festa de Pentecostes. O objetivo do Envio - saída da Bandeira do Divino pelas residências e estabelecimentos da cidade de Cachoeira - é o recebimento de donativos pela população local, para arrecadar fundos para a realização da Festa pela família que está organizando, mesmo se esta tenha condição financeira suficiente para realizar a Festa, deve sair para cumprir esse ritual.

A bandeira que simboliza o Espírito Santo é caracterizada pela cor vermelha e no seu centro há desenhada, pintada ou bordada em branco, em ambos os lados, uma pomba branca que irradia através de retas douradas abaixo da figura da pomba, a luz do Divino Espírito Santo. A visita da bandeira é constituída por familiares, ex-organizadores e o imperador e esse período de levar a bandeira a visitar as casas das pessoas corresponde aos sete domingos seguidos que antecedem a Festa (Figuras 12 e 13). O imperador recebe o papel de carregar a sacola de donativos (dinheiro), também chamado de sacola da beneficência, caracterizado pelo seu tecido de veludo avermelhado, onde os fiéis colocam as doações monetárias quando a bandeira os visita e que servem para conseguir fundos para a realização da Festa. Um dos familiares tem o papel de carregar consigo a pesada bandeira do Divino Espírito Santo, enquanto que outra pessoa fica encarregada de anunciar os dias da novena e o da missa principal, que acontece em um domingo, o dia de Pentecostes.



Figura 12 e 13 – Visita da bandeira do Divino às residências do município de Cachoeira nos anos de 2001 e 2011, respectivamente.

Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

Porém, quando se cita as palavras “bandeira do Divino”, os participantes logo se recordam de uma pessoa que era parte assídua da Festa do Divino, o senhor João Bispo Ribeiro, conhecido popularmente como “**João da Pomba**”, ou “João da Bandeira do Espírito Santo”. Este começou essa Divina tradição em 1953 com seu amigo Tibério José de Santana (Figura 14). Este último, o convidou para acompanhar a bandeira do Divino aos domingos da Festa, feito isso, o senhor João gostou e ficou ajudando a carregar a bandeira.

No ano de 1976, o Sr. Tibério foi transferido do seu trabalho em Cachoeira para a cidade de Salvador, entregando ao seu amigo João da Pomba (Figura 15) a responsabilidade de carregar a bandeira. Este ganhou esse nome devido à função que tinha na Festa do Divino de carregar a bandeira do Espírito Santo durante o período de sete domingos de visita da família do Imperador pelas casas de outras famílias católicas. João da Pomba seguia juntamente com a família do Imperador carregando a bandeira do Divino no centro e nos bairros da cidade, como também participava do cortejo carregando a bandeira no dia da Festa de Pentecostes.

Ele carregou a bandeira até o ano de 2005, e nesse período, só em 1993 que Sr. João da Bandeira deixou de sair, porque estava operado, mesmo assim no dia da Festa de Pentecostes ele se fez presente na solenidade ocorrida na Igreja Matriz, que nesse mesmo ano ele completava quarenta anos dedicados à bandeira e à

Festa do Espírito Santo. A sua dedicação ao longo dos anos de serviços prestados à esse devoção levou a comunidade católica a organizar uma homenagem surpresa a ele juntamente com Padre Hélio Cezar Leal Vilas Boas, pároco da Igreja Matriz, sendo presenteado com uma pomba branca, símbolo da Festa do Divino. Seu falecimento veio por acontecer em 2006, terminando uma tradição de 52 anos consecutivos dedicados à carregar a bandeira da Festa do Espírito Santo por Sr. João da Pomba.



Figuras 14 e 15 – Tibério José de Santana e João da Pomba, respectivamente.
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

A bandeira do Divino Espírito Santo percorre toda a cidade e as residências são visitadas com exceção daquelas que pertencem a outras religiões ou não apresentam moradores. Entretanto, a bandeira é considerada democrática religiosamente, pois ela entra não só nas casas dos católicos, mas sim em centros espíritas, terreiros de candomblé, hospital, delegacia e também na Igreja católica apostólica brasileira.

Na chegada a uma residência, a porta da mesma recebe três batidas e então é pronunciado em alto e bom som: “**Bandeira do Espírito Santo!**”. A pessoa acolhe a comitiva de forma que quem adentra na residência são o portador da bandeira com a bandeira em mãos, o imperador e os pais do imperador. O procedimento padrão da visita da bandeira a uma residência é que esta deve circular pela sala, porém tem alguns fiéis, que devido à tamanha fé pedem que a bandeira percorra todos os cômodos da sua residência de forma que a passagem da bandeira pelos cômodos

da casa resulte na conquista de paz, saúde, esperança, prosperidade e melhoria de vida.

A visita da bandeira em algumas residências familiares é motivo de fé e mistério, pois muitos dos fiéis se emocionam quando feitos seus pedidos ou derramam lágrimas pela conquista de um desejo realizado (Figuras 16 e 17). Com a bandeira posicionada de maneira inclinada e apoiada por um dos pés e segurada pelas duas mãos, os fiéis seguram na ponta da bandeira e se enrolam no sentido horário ou anti-horário de forma que fiquem completamente enrolados da cintura para cima. Totalmente envoltos pelo bandeira do Divino, estes pedem em baixo tom muitas vezes alguma graça que queira ser alcançada em relação à saúde, proteção e por entes queridos. Há fiéis que nesse momento, considerado solene, se emocionam e choram bastante ao ver a fé fervorosa dos seguidores da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo).



Figuras 16 e 17 – Demonstrações de fé e proteção à bandeira do Divino na comunidade cachoeirana
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

3.3.1 Ritual da queima de fogos

Anteriormente, até a década de setenta, a bandeira ficava amarrada na janela da casa do imperador por sete dias, para indicar que aquela família iria fazer a Festa do Divino no próximo ano. Entretanto, havia uma particularidade que hoje não é mais

feita e ficava a cargo do fogueteiro “Zute” que trabalhou na Festa do Divino durante muito tempo. Ele chegava à residência do Imperador que iria fazer a Festa às sete da manhã do dia seguinte ao recebimento do título de novo imperador, amarrava a bandeira do Divino e tocava um foguete sinalizando a casa do mais novo imperador (Figura 18). Às dezoito horas do mesmo dia, o fogueteiro retornava ao mesmo endereço, retirava a bandeira e soltava novamente um foguete. Esse ritual era repetido durante os sete dias seguidos da primeira semana do recebimento do título de imperador.



Figura 18 – Fogos sendo tocados na Festa do Divino
Fonte: Eliezer Francisco de Santana, 2011.

3.3.2 A Benfeitora do Divino

Na devoção ao Espírito Santo, aparece uma pessoa muito importante na Festa, chamada Dona Noêmia Alves da Silva Cunha (Figura 19), conhecida popularmente como Noêmia Linhares, que ficou muitos anos no anonimato, porém é fiel seguidora do Divino Espírito Santo e sempre faz pedidos a Ele. Quando alcançou a graça pedida, resolveu fazer a Festa no ano de 1967, tendo como imperador seu filho Antonio Linhares Cardoso da Cunha, conhecido como Linharinho e como orador da solenidade, o Monsenhor Francisco Martins Curvelo, que era Comissário da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Pelourinho, em Salvador.



Figura 19 – A benfeitora do Divino: Dona Noêmia Linhares
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

Nessa Festa do Divino estiveram presentes cinco representantes da Igreja Católica: o Pároco Monsenhor Fernando de Almeida Carneiro, Padre Antonio Carlos dos Santos Souza Onofre da Silva, Cônego Pedro Ribeiro de Oliveira e Monsenhor Francisco Martins Curvelo. Essa Festa foi transmitida pela Rádio Vox, da cidade de Muritiba, para toda região do Recôncavo. Quando terminou a solenidade, à noite, o Imperador participou da missa comemorativa das bodas de ouro (Aparição de N. S. de Fátima) com procissão luminosa, ou seja, as pessoas seguiam a procissão segurando uma vela acesa nas mãos, e nesse mesmo dia a bandeira do Divino foi entregue na casa do novo imperador, no período da noite por causa desse evento.

Para essa Festa, Dona Noêmia Linhares mandou fazer uma casula⁵ e mais cinco paramentos para os padres, inclusive um desses conjuntos se caracterizava por possuir linha douradas e pedrinha em cores variadas que viriam a ser usados pelo pároco da época Monsenhor Fernando durante a Festa. Além disso, ela conseguiu introduzir o uso de um espadim levado na cintura pelo Imperador, que posteriormente viria a ser usado por muitos outros imperadores. Na época de sua Festa, Dona Noêmia mandou fazer um estandarte para usar pela primeira vez na Festa do Divino, com autorização do Monsenhor Fernando de Almeida Carneiro, ex-pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário (Igreja Matriz).

⁵ A casula faz parte das vestimentas usadas em celebrações religiosas da igreja católica.

Esse estandarte ficava guardado na sua residência, porém muitos anos se passaram e Dona Noêmia resolveu fazer a doação deste objeto e do espadim à Igreja Matriz de Cachoeira. Nessa mesma Festa do Divino, foram convidados de Salvador 12 cadetes da polícia militar e no momento do Imperador adentrar ao templo, os cadetes cruzaram as espadas e em seguida trincaram as pontas, deixando-as cruzadas para que o Imperador e sua corte passassem por baixo destas, simbolizado assim uma grande homenagem feita naquele momento. No final da Festa os devotos foram para a residência do Imperador, onde aconteceram as comemorações do fim de seu reinado.

Ainda durante essa Festa matou-se um boi, dois porcos grandes, quarenta galinhas, cinquenta perus, todos assados na Padaria do Povo de propriedade do Senhor Dedé na Rua Lauro de Freitas. A cozinha foi comandada por Dona Amor que pertencia a Irmandade da Boa Morte. A Igreja Matriz foi ornamentada por Manoel Ribeiro de Novaes que residia na Rua Ruy Barbosa da cidade de Muritiba - BA. Já era tradicional ele fazer a ornamentação há mais de cinquenta anos. O mesmo tinha esse ato como um compromisso de devoção à Festa, realizando ornamentações da festividade desde os dezesseis anos na Igreja Matriz.

Nesse dia, três filarmônicas musicais participaram do almoço na casa do Imperador, sendo duas da cidade de Cachoeira (Lyra Ceciliana e Minerva Cachoeirana) e a União Sanfelista da cidade de São Felix. Estas executaram músicas alegres e dobrados até a madrugada do dia seguinte para animar a Festa.

No ano seguinte, D. Noêmia Alves da Silva Cunha fez uma roupa branca (saia e blazer) para usar todo ano, exclusivamente durante a Festa do Divino, como também saía de sua casa sem calçados até a Igreja, na qual participava de toda celebração de Pentecostes de pés no chão (Figura 20). Somente quando chegava a sua residência ela calçava a sua sandália. Outra particularidade de Dona Noêmia nessa Festa é que após a mesma, ela prometeu doar as velas e os sete pombos todos os anos, esses pombos eram usados na celebração de Pentecostes no momento do Glória.



Figura 20 – Dona Noêmia Linhares com roupa branca e pés descalços, no fundo e ao centro da foto em demonstração da sua fervorosa fé na Festa do Divino de 2001
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

Esses pombos eram comprados por ela uma semana antes da Festa. Com um dia de antecedência à data da celebração, ela dava banho nos pombos, colocava perfume de alfazema e um laço vermelho amarrado na perna do pombo. Nos dias atuais o uso dos pombos foi deixado de lado, sendo substituído por bolas, as quais são estouradas no momento do Glória. Ela também concedia ajuda financeira às famílias que estavam na organização da Festa, e em alguns casos, custeava a Festa pela metade.

Dona Noêmia tornou-se uma benfeitora da Festa do Divino, conseguindo fazer esses rituais e colaborações por várias décadas, compreendendo o período de 1969 até o ano 2005, quando se mudou para Salvador para fazer tratamento de saúde, onde mora atualmente.

3.4. NOVENA

A novena da Festa do Divino é realizada conforme o calendário cristão. Chegando aos nove dias que antecedem o dia de Pentecostes, começa a realização do novenário. O objetivo da novena é refletir a dimensão do Espírito Santo presente em

cada indivíduo para a contemplação de seus dons e frutos, conforme coloca o livro bíblico Coríntios:

“O amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. Verdadeiro dom divino, o Espírito Santo é o mestre de santidade, unção que nos ensina e nos guia. Por isso, a oração é o exercício dos dons que nos abre para caminho de santidade, rezar os dons do Espírito Santo manifestado na intimidade de cada pessoa nos transmite a certeza de que Deus habita no ser humano e que este é templo do Espírito Santo” (1 Cor 6: 19).

No início de cada novena é feito o hasteamento da bandeira do Divino Espírito Santo no mastro que é colocado durante o período da Festa na entrada da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, local onde é celebrada a novena e a missa da Festa do Divino, respectivamente. Durante o hasteamento da bandeira é entoado o hino da bandeira do Espírito Santo pelos fiéis presentes em frente à igreja, formando um círculo em volta do mastro, simbolizando um momento de respeito e fé. Para que os fiéis possam acompanhar e cantar o hino da bandeira, os organizadores mandam confeccionar livretos com a letra do hino através de uma gráfica (Figura 21). E quando termina a novena é retirada a bandeira, para que no dia seguinte seja feito o mesmo procedimento.



Figura 21 – Livreto da novena de Pentecostes de 2001
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

O HINO DA BANDEIRA DO DIVINO

*Os devotos do Divino
vão abrir sua morada
Pra bandeira do menino
ser bem-vinda,
ser louvada, ai, ai.*

*Deus nos salve esse devoto
pela esmola em vosso nome,
Dando água a quem tem sede,
dando pão a quem tem fome, ai, ai.*

*A bandeira acredita
que a semente seja tanta
Que essa mesa seja farta,
que essa casa seja santa, ai, ai.*

*Que o perdão seja sagrado,
que a fé seja infinita,
Que o homem seja livre,
que a justiça sobreviva, ai, ai.*

*Assim como os três reis magos
que seguiram a estrela guia
A bandeira segue em frente
atrás de melhores dias.*

*No estandarte vai escrito
que ele voltará de novo
Que o rei será bendito
ele nascerá do povo.*

A música do Divino Espírito Santo é cantada por Nalva Aguiar e também pelo cantor e compositor Ivan Lins. Como já citado, a bandeira do Divino é ilustrada por uma pomba que simboliza o Espírito Santo.

Logo após o hasteamento da bandeira (Figura 22), procede-se a novena que é caracterizada pela participação ativa dos palestrantes que a cada dia falam sobre um tema diferente. Dão seu testemunho e abordam assuntos relacionados de acordo ao tema da novena daquele dia. No final de cada novena há sorteios em que acontece a distribuição de brindes relacionados ao Espírito Santo, como réplicas em miniatura da pomba branca do Divino, um cd com cânticos da Festa de Pentecostes e outros que estejam ligados de forma direta à Festa do Divino. Em seguida, coincidindo com a saída dos fiéis do templo, ocorre dentro e ao ar livre, a distribuição de doces variados, principalmente para as crianças e entre estas crianças um dos garotos poderá ser o futuro imperador.



Figura 22 – Bandeira hasteada na porta da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário em Cachoeira
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

A novena do Espírito Santo acontece durante nove dias e termina no dia que é o dia de Pentecostes, considerada a festa da alegria. Esta novena é realizada na Igreja Matriz em preparação a Festa de Pentecostes. O ambiente deve ser simples, porém de tal forma que seja da melhor maneira possível para que os fiéis possam ter criatividade e muita dedicação durante sua preparação.

Durante a realização da novena há uma chama que representa o Espírito Santo. Esta pode ser um candeeiro, uma vela bastante grande, ou uma chama que possa

ser visualizada por quem esteja participando da novena. A chama é um importante símbolo e deve ser conduzida para o local da novena por um participante, sempre colocada junta à bandeira, ou pode ficar também ao lado do estandarte, tudo depende da arrumação do ambiente da novena. As pessoas da família responsáveis pela Festa, também preparam todos os objetos simbólicos, sempre com antecedência. Além disso, esses familiares falam com algumas pessoas que participam da novena para efetuar as leituras de maneira que estes participantes procurem ler várias vezes o seu texto antes de começar a referida novena. O intuito é fazer com que a participação da comunidade seja valorizada e integrada na novena.

A novena tem algumas particularidades na preparação do ambiente e na oração de cada dia, conforme descrição de um dos roteiros abaixo relacionado:

PRIMEIRO DIA – O Espírito Santo Presente na Criação

Inicialmente a Igreja Matriz, local onde acontece a novena é preparada, ou seja, arrumada de acordo com as necessidades exigentes. A chama do Espírito Santo é colocada ao lado da bandeira ou do estandarte e depois se coloca num local bastante visível. A Bíblia é colocada na mesa aberta no livro de Gênesis representando a criação. Também são colocados sobre a mesa: água, terra, vasos de plantas, sementes, frutos de vários tipos, argila e demais símbolos que representem a criação.

A celebração começa com o animador mandando todos os presentes olharem para os símbolos do Espírito Santo que estão localizados numa mesa à frente do altar-mor. Por ser um momento solene, é necessário bastante silêncio de forma que seja respeitada a presença do Espírito Santo no local.

Segundo a obra *Novenas ao Espírito Santo* de 1998 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que aborda aspectos sobre a organização das novenas feitas durante a Festa do Divino Espírito Santo em sentido geral, o momento da novena é uma ocasião onde as pessoas estão em união para evocar a presença de Cristo, seguindo o seu pensamento como descrito no Livro bíblico Mateus: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles*” (Mt 18,20).

SEGUNDO DIA – O Espírito Santo: Força do Povo a Caminho

O local é arrumado da seguinte maneira: chama do Espírito Santo, bandeira do Divino ou estandarte, água, vela, pão ou outro alimento. Nesse dia esses símbolos recordam a presença do Espírito Santo no batismo e na crisma.

TERCEIRO DIA – Maria Acolhe o Espírito Santo

Neste dia a novena é em homenagem a Maria, mãe de Jesus. Na arrumação do recinto que está sendo preparado, coloca-se um altar com flores para Nossa Senhora (Maria), plantas, óleo perfumado, chama do Espírito Santo e o estandarte ou bandeira do Divino. A imagem de Maria é conduzida para o altar, onde os presentes dão uma salva de palmas.

QUARTO DIA – O Espírito Santo faz nascer a Igreja

O local é arrumado e bastante planejado com antecedência da seguinte maneira: coloca sobre a mesa uma fotografia da Festa do Divino de anos anteriores, tijolos, areia, cimento e instrumentos de trabalho que são utilizados pelos pedreiros durante suas atividades, sempre com a chama do Espírito Santo junto ao estandarte.

QUINTO DIA – O Espírito Santo nos faz Missionário

Com o intuito de conseguir chegar ao objetivo da novena nesse dia que se refere a fazer missão, o ambiente é arrumado e organizado da seguinte maneira: é colocada a chama do Espírito Santo junto à bandeira e o estandarte, uma Bíblia Sagrada e sandálias, que remete ao Espírito Santo na vida do missionário.

SEXTO DIA – O Espírito Santo: Sopro Transformador da Sociedade

Para deixar o local todo pronto nesse sexto dia da novena, são colocados sobre a mesa os seguintes símbolos: carta da campanha da fraternidade da CNBB, revistas, boletins, rádio, se possível um televisor e junto a tudo isso a chama e o estandarte do Espírito Santo. Nessa sexta novena é pedida a luz do Espírito Santo que traga uma boa notícia através do seu filho Jesus.

SÉTIMO DIA - O Espírito Santo: Dom da Unidade

Sempre tem que fazer a preparação do local como nos dias anteriores, deixando no lugar a chama do Espírito Santo, Bíblia, água, estandarte e vela. Nesse dia é explicada a unidade dos cristãos, no intuito de somar a conversação em todas as religiões. Nesse dia a oração é feita solicitando o dom do entendimento, sendo assim tem que exercitar a busca da comunhão em todos os sentidos, principalmente entre as Igrejas cristãs, fazendo ecumenismo.

OITAVO DIA – O Espírito Santo nos Ensina Orar

Nesse dia o recinto é organizado de forma que a mesa seja revestida com uma toalha vermelha ou branca que são as cores do Espírito Santo. Colocam-se velas vermelhas ou brancas, bandeirolas também vermelhas ou brancas e o estandarte do Espírito Santo. Nesse oitavo dia se faz uma reflexão renovando a maneira de se fazer oração, pedindo sempre pelo irmão, redescobrimo a riqueza de orar solidariamente.

NONO DIA – Pentecostes: a Festa da Alegria

É o principal dia da Festa do Divino Espírito Santo por ser o dia de Pentecostes. Considerado o dia da celebração da alegria, do entusiasmo cristão, do amor e da partilha. No altar são colocados todos os símbolos utilizados durante as celebrações anteriores. A Festa de Pentecostes será descrita no capítulo seguinte.

4. A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM CACHOEIRA

Comemorações do Dia de Pentecostes

Neste capítulo são abordadas todas as atividades que são desenvolvidas no último dia da Festa que é o Dia de Pentecostes. Para facilitar a compreensão, segue abaixo uma tabela descrevendo sucintamente aspectos sobre essas atividades:

| Tabela 2 – ATIVIDADES DO DIA DE PENTECOSTES | | |
|--|---|--|
| ETAPA | PERÍODO | QUEM REALIZA |
| Arrumação da Igreja | 1 dia antes do dia de Pentecostes | Devotos da Festa |
| Cortejo | Manhã do dia de Pentecostes | Família do Imperador e devotos |
| Coroação do Imperador | Chegada do cortejo na porta da Igreja | Padre |
| Santa Missa de Pentecostes | Logo após a coroação do imperador. Geralmente inicia-se às nove horas da manhã. | Padre e família do Imperador |
| Transição do Reinado | Ao final da missa de Pentecostes | Imperador e o Padre |
| Agradecimento no final da celebração | Após a transição do reinado | Família do Imperador |
| Entrega da bandeira na casa do novo Imperador | Ao terminar toda a solenidade na Igreja | Imperador, corte imperial, devotos e filarmônica |
| Comemoração de encerramento do reinado do Imperador | Ao entregar a bandeira na casa do novo Imperador | Família do Imperador |

4.1 A FESTA DE PENTECOSTES

No quinquagésimo dia após a Páscoa, que ocorre sempre no domingo, é o grande momento da Festa que é denominado de dia de Pentecostes. Esse dia é justificado pelo calendário cristão como o dia em que acontece a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Com esse acontecimento religioso e místico, os apóstolos começam a falar em várias línguas diferentes e proclamam as nações todos os

ensinamentos cristãos para dar continuidade à missão de Cristo no mundo, conforme citação bíblica abaixo:

“Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem” (At., 2, 1-4).

4.2 O ESPÍRITO SANTO E OS SETE DONS

Segundo VENDRÚSCOLO e ESTEFANELLO (1991, p. 96), o objetivo da vocação das pessoas está sempre ligado aos dons do Espírito Santo, pois no dia de Pentecostes quando desceu a língua de fogo sobre os apóstolos reunidos em oração, eles receberam o dom do Espírito Santo, que é o chamado para a vida vocacional do Pai (Deus) que ficou impregnado dentro de cada um para crescerem espiritualmente e conseguirem se realizar. De todos os dons o maior é o dom do amor. Então eles foram espalhando a sua grandeza, de missão e vocação (Op. Cit., p. 96).

Cada pessoa tem seu dom vocacional, e não se pode modificar, tem-se que fazer o bem procurando ser digno, recebendo uma boa formação doutrinal e aplicando todo esse dom recebido em ação, fazendo o serviço vocacional e atingindo o objetivo da missão do Espírito Santo (Op. Cit., p. 96). São sete os dons do Espírito Santo: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus.

Sabedoria – É um meio de conseguir a felicidade indo procurar Deus, e assim conseguir conquistar o anseio desejado.

Entendimento – Que se faça conhecer o que foi revelado e aceitar com todo amor.

Ciências - Fazendo com que através do estudo da palavra de Cristo, se possa compreender e tomar gosto.

Conselho – Fazendo com esse dom possa fazer uma estrada para o Pai, e acolher o que o próximo está precisando.

Fortaleza – É o dom que dá a segurança para não cair no pecado, seguindo a missão sem desviar do caminho, fazendo uma verdadeira fortaleza, com muita coragem para a vocação sagrada.

Piedade – Esse dom fortalece o homem na celebração litúrgica, conseguindo assim dedicar com prazer a alegria em fazer a oração, sendo uma maneira sincera do encontro com o Pai.

Temor de Deus – Esse dom revela que se deve colocar Deus acima de tudo, que ele possa guiar a vida de todo cristão, assim conseguindo amar em todo o momento da vida (VENDRÚSCOLO e ESTEFANELLO, 1991, p. 96-97).

4.3 ESPÍRITO SANTO E OS NOVE FRUTOS

Segundo Padre Luiz e Padre Reneu, o Espírito Santo no seu anunciado tem o objetivo de produzir frutos de renovação para uma vida nova em sua vocação. Os frutos são caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, mansidão, felicidade e temperança (GL 5,22-23).

Cada ser humano recebe desde o seu primeiro dia de vida várias aptidões, são esses os chamados frutos da educação familiar, do esforço pessoal, do ambiente que reside e cada pessoa tem seu livre caminho para fazer dela o que quiser através de sua consciência e inteligência. Porém sempre há o convite para que o desenvolvimento possa ser de uma maneira saudável com harmonia no plano de Deus com a vida vocacional.

Nesse caminho, Deus indica a direção que se deve escolher: o caminho dos frutos. Desta forma, haverá a formação de um homem novo para um dia melhor e é esse o plano que é escolhido por Deus (Op. Cit. p. 96-97).

4.4 OS SÍMBOLOS DO ESPÍRITO SANTO

Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CIC/CNBB (1998, p.2), é descrito por simbologia toda obra do Espírito Santo em que encontramos na bíblia na seguinte ordem: a água, a unção, o fogo, a nuvem e a luz, o selo, a mão, o dedo, a pomba e o sopro. Ver descrição abaixo:

A Água – Simboliza a ação do Espírito Santo no Batismo. O Apóstolo Paulo confirma: “Fomos batizados num só espírito”, e “Todos bebemos de um só espírito” (1 Cor. 12,13).

A Unção – É a unção com o óleo que é sinal da presença do Espírito nas pessoas.

O Fogo – Simboliza a energia transformadora da ação do Espírito Santo nos apóstolos.

A Nuvem e a Luz – Nas manifestações da divindade sempre se encontram as nuvens, que aparecem algumas vezes escuras e em outro determinado momento surge cheio de luz, assim encontra-se escrita na Bíblia. No estado glorioso de Cristo, no seu ato de transfigurar, o Espírito se apresenta, também, “*quando desceu uma nuvem, e os encobriu com sua sombra*”. Sai uma Voz da nuvem: “*Este é o meu filho, o escolhido, escutem o que Ele diz!*” (Lc 9,34-35).

O Selo – A unção e o selo significam a mesma coisa. Porque a marca de Deus é colocada pela unção através dos batizados. Cristo diz: “*Deus nos marcou com um selo e colocou em nossos corações a garantia do espírito*” (2 Cor 1,22).

A Mão – Na efusão do Espírito é mantido esse gesto litúrgico do sacramento, e a Igreja conserva todo esse cerimonial nos seus trabalhos. Esse gesto é repetido em

todos os momentos em um ato de obediência com Deus para que proteja e continue com seus filhos.

O Dedo – No louvor “Vem Espírito criador”, Deus chama ao seu encontro com o dedo direito e com o dedo foi escrita a lei de Deus pelo Espírito.

A Pomba – Simboliza o Espírito de Deus descendo sobre Jesus no momento do seu batismo. A Igreja continuou conservando na sua tradição o símbolo da pomba como referência ao Espírito Santo.

O Sopro – Simboliza o sopro de Jesus sobre os apóstolos ao dizer “*A paz esteja com vocês... recebam o Espírito Santo*” (Jo 20,22). No dia de Pentecostes chegou um sopro de um vendaval ocorrido antes da chegada do Espírito Santo (cf. At 2,2). Essa é a celebração da plenitude do Espírito Santo, marcado pelo acontecimento da força que vem do alto, e foi nesse dia que os apóstolos foram transformados de ignorantes a sábios.

4.5 ARRUMAÇÃO DA IGREJA

Para acontecer a Festa do Divino, o templo passa a receber uma rigorosa arrumação que inclui limpeza, ornamentação com acessórios, revisão de parte elétrica, dentre outros aspectos.

No dia que antecede a Festa de Pentecostes é feita uma faxina em todas as dependências do templo, passando um pano nos bancos, altares e também nas paredes de azulejo para a retirada da poeira. É feita uma revisão na iluminação para a retirada das lâmpadas queimadas, de forma que nesse dia esteja tudo funcionando em perfeito estado. Em continuidade, também é feita a ornamentação de flores, sendo colocados arranjos de flores nos bancos, sendo assim a cada três bancos é colocado um arranjo, enquanto que nos altares laterais é colocado um ou dois arranjos de flores em cada altar. Porém no altar principal, que é chamado de altar-mor, são colocados vários arranjos em todos os níveis do altar.

Para que essa ornamentação de flores seja feita de forma bonita e organizada, há a necessidade da ajuda de várias pessoas da comunidade. Estas trabalham sem cobrar pela mão-de-obra, algumas quando cobram, referem-se a um valor simbólico. Nas janelas que ficam em torno da nave principal são colocadas flâmulas com o tema da Festa, sendo geralmente colocada uma pomba em vôo livre de cima para baixo da flâmula.

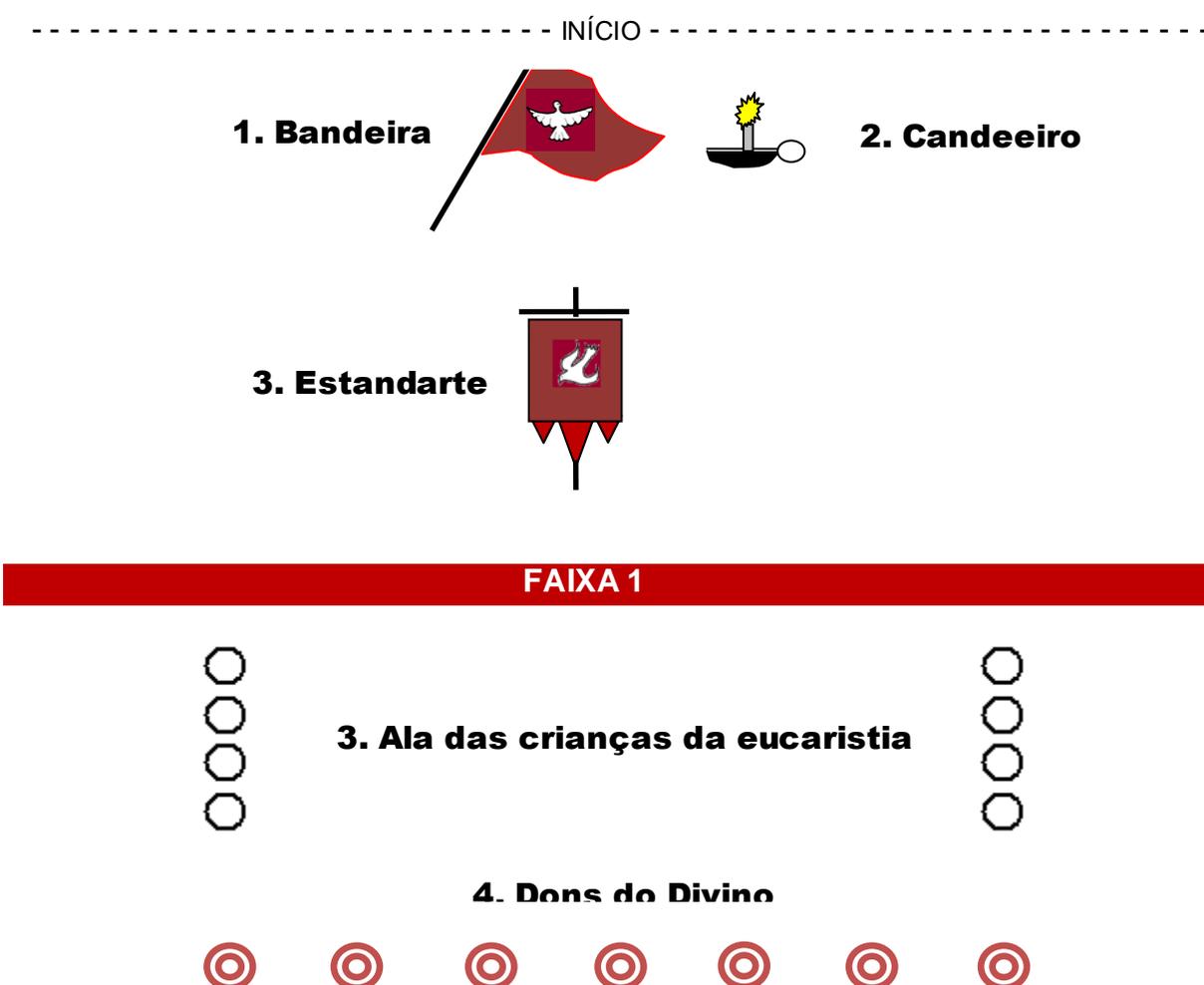
Diante da grande quantidade de fiéis que ajudam com doações diversas para a sua realização, o suporte dado pelas pessoas da comunidade é essencial, visto que hoje muitas pessoas fazem essa Festa em devoção ao Espírito Santo. Nesse dia, a Igreja é ornamentada com um tapete vermelho na entrada da porta principal até a mesa que fica em frente ao altar-mor para que o imperador, sua corte e o cotejo possam desfilarem e ser apresentados à comunidade católica que está presente na solenidade (Figura 23).



Figura 23 – Interior da Igreja Matriz ornamentada em dia de festa
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6 O CORTEJO E SUA DESCRIÇÃO

Para acontecer a celebração de Pentecostes, a família do Imperador prepara o cortejo que tem como ponto de saída à própria residência desta família até a Igreja, local onde é realizada a celebração de Pentecostes. Porém, inicialmente iremos descrever o aparato inicial da montagem do cortejo para o dia principal da Festa. O cortejo é formado por alas, ou seja, por grupos e pessoas específicas caracterizadas de acordo com as suas alas. Há alas formadas por várias pessoas que geralmente são crianças e outras por apenas uma pessoa. Cada ala e pessoa simbolizam aspectos da Festa. Essas alas são: bandeira, candeeiro, estandarte, crianças da eucaristia, dons, ala dos camponeses, faixas com frases de menção ao Espírito Santo, irmandade do Espírito Santo, pomba, almofadas, coroa do imperador, imperador, pajens, família do imperador, devotos do Divino, filarmônica e fogueteiro, conforme estrutura abaixo. Segue a estrutura do cortejo respeitando a cadeia operatória das etapas que o compõe.



FAIXA 2

Meninos

Meninas



5. Ala dos Camponeses



FAIXA 3



6. Ala da Irmandade do Divino



**7. Imagem da Pomba
do Divino**



**8. As almofadas
dos Guardiões**



9. A coroa



**10. O Imperador
e o manto**



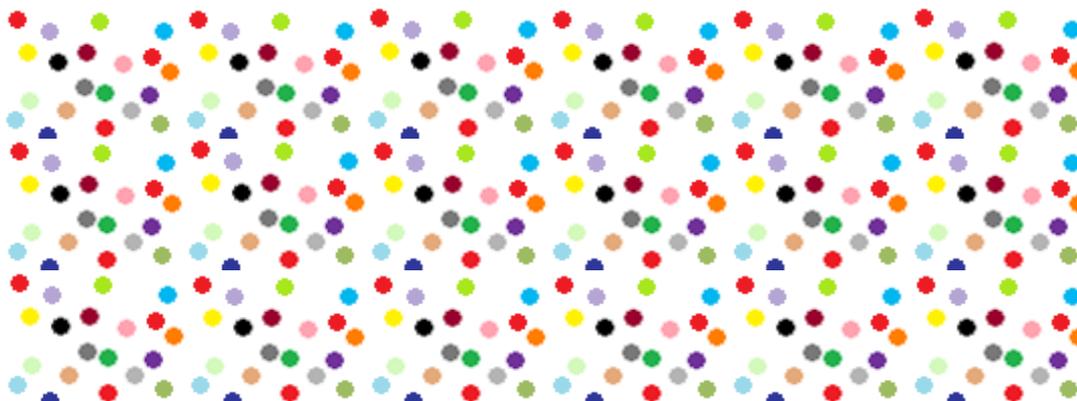
11. Os Pajens



12. A família do Imperador



13. Os devotos



14. A Filarmônica



15. O Fogeteiro

----- FIM DO CORTEJO -----

O cortejo é formado por vários grupos distintos, localizando-se em diferentes partes do mesmo, sendo que cada um tem a sua função dentro do sistema, obedecendo rigorosamente à formação do cortejo. Todos os membros acompanham o Imperador, obedecendo a uma escala hierárquica. A formação desse cortejo acontece da seguinte forma: desde muito cedo a família do imperador acorda para se preparar para o dia festivo que irá ocorrer ao longo do Domingo. O motivo de acordar cedo tem como propósito se arrumar para a Festa, como também para receber os integrantes do cortejo na sua residência e de pouco em pouco ir formando-a com os seus componentes.

Com todos os componentes presentes, então o cortejo tem o seu início em direção ao templo. No decorrer desse trajeto as janelas e portas de algumas residências são abertas para ver a passagem do divino cortejo, principalmente pelos devotos mais antigos, em que os moradores ficam nas janelas e nas portas para apreciar a passagem do cortejo. Estes tiram fotos, acenam, batem palmas e muitos deles acompanham até a Igreja Matriz para quando o cortejo chegar à porta da Igreja possa ser apreciada a coroação do Imperador que acontece neste momento. No cortejo, o Imperador é a figura mais importante com seu traje, a rigor, como se fosse um Imperador da Coroa Portuguesa. Esse cortejo é acompanhado pela família do Imperador, a filarmônica e por uma grande quantidade de pessoas da comunidade católica que cultua o Espírito Santo.

O cortejo passa pelas ruas e avenidas da cidade de Cachoeira, cujo caminho a percorrer depende da moradia do Imperador, pois o trajeto sempre corresponde da residência do imperador até a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (Figura 24). Sendo assim, este trajeto é modificado a cada ano, visto que a modificação tradicionalmente acontece quando há a mudança de imperador. As pessoas que residem no trajeto por onde passa o cortejo do Divino demonstram tamanha devoção ao Espírito Santo.



Figura 24 – Trajeto realizado pelo Imperador Emerson Souza Mascarenhas na Festa do Divino no ano de 1989.
Fonte: Eliezer Francisco de Santana Junior, 2011.

4.6.1 Bandeira do Divino Espírito Santo

A Bandeira do Divino (Figura 25) possui no centro uma pomba que simboliza o Espírito Santo. Ocupando a parte frontal, centralizado à rua e fazendo parte da formação do cortejo, existe a pessoa encarregada em levar a bandeira do Divino Espírito Santo. Anos atrás, o encarregado era sempre o mesmo: João da Pomba. Porém após o seu falecimento, este cargo veio a ser trocado anualmente, sendo uma pessoa da família do Imperador de cada ano.

Esta pessoa da família traja roupa simples, constituída por calça social, sem distinção de cor, mas deve usar uma blusa da cor pertencente à Festa do Divino (vermelho ou branco) ou a própria blusa da Festa do ano.



Figura 25 – Bandeira do Divino Espírito Santo no início do cortejo
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.2 Candeeiro

No seguinte, vem o candeeiro que é um pequeno objeto que produz uma chama que simboliza a chama do Espírito Santo. Este é segurado por uma pessoa escalada pela família. Esta pessoa, de preferência é uma criança, que vem vestida com roupas de cores vermelha e branca, segurando em suas mãos o candeeiro.

4.6.3 Estandarte

Logo após a figura do candeeiro, vem na sequência o Estandarte do Divino Espírito Santo (Figura 26). Esta insígnia religiosa representa a Irmandade do Divino Espírito Santo. Este estandarte possui a forma retangular, porém quando posicionado de pé, próximo ao chão, este se caracteriza por três pontas pontiagudas. O seu material constitui-se de camurça vermelha, lantejoulas brancas e douradas, pérolas brancas, linhas e cordões dourados.

O estandarte possui na sua parte centro-superior uma pomba branca formada por lantejoulas brancas e é bordada de forma que a pomba fique de ponta-cabeça, ou seja, de cabeça pra baixo, representando um vôo rasante do céu a terra. E no seu bico apontado para o chão, estão bordadas linhas em lantejoulas douradas em forma de leque, que simbolizam os raios divinos. Ao longo do tecido de camurça, principalmente nas suas laterais e inferior, o estandarte é ornamentado com lantejoulas e fios dourados, como também por pérolas brancas, sendo que estas últimas são dispostas em forma de cacho de uva.

O estandarte é sustentado por dois bastões colocados em forma de uma cruz e forrados por um pano vermelho. Fica amarrado por dois cordões amarelos presos aos bastões finalizados nas suas extremidades por um nó.

A pessoa que carrega o estandarte deve ser um homem, pois este objeto é pesado. Na maioria das vezes é levado por um membro da família que vai andando pelo centro da rua de forma que sempre dê uma boa distância de uma ala para a outra. O homem deve estar com a camisa da Festa do Divino do ano presente e de preferência, usando calça branca.



Figura 26 – Estandarte do Divino - 2001
 Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.4 Ala das crianças da eucaristia

Na sequência, vêm duas filas indianas, em que uma criança vem atrás da outra. Essas crianças, que devem ter até 10 anos de idade, fazem parte do curso de preparação para a Eucaristia que ocorre ao longo do ano e é promovido pela Paróquia de Nossa Senhora do Rosário. A quantidade de crianças é de acordo com o grupo que foi formado naquele ano.

Para integrarem este grupo no cortejo, as crianças devem estar trajando roupas brancas, tanto a calça e a blusa para os meninos, quanto o vestido, ou blusa e saia para as meninas. O calçado para as meninas tem de ser branco, com meia-calça branca, e o calçado dos meninos não há referência pela cor.

4.6.5 Ala das crianças dos dons do Divino

Os sete dons do Divino – Sabedoria, Entendimento, Ciências, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor a Deus – são apresentados por crianças no cortejo do Divino

Espírito Santo (Figuras 27 e 28). Cada ano, a representação desses dons vem a mudar de acordo com a organização da Festa. Em anos anteriores, os dons foram apresentados em faixas vermelhas em letras douradas que eram levadas na mão das crianças. Outro exemplo que já foi utilizado para apresentar os dons do Divino é a faixa, colocada sobre a túnica, com o nome dos dons. Ou então são confeccionados materiais como papelão e isopor, em diversos formatos, como coração e forrados em vermelho, destacando o nome de cada dom específico.



Figuras 27 e 28 – Crianças com Dons do Divino em anos distintos

Fonte: Acervo da família do imperador Pedro de Almeida Rocha e do acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.6 Ala dos camponeses

Nesta ala são levados sete cestos de cipó com duas alças cada, cheia de frutas por 14 crianças, sendo sete meninos e sete meninas e cada casal carregando um cesto. A vestimenta feminina é composta por um lenço vermelho para ser colocado na cabeça, e um vestido listrado que pode ser mudado pela preferência dos organizadores da Festa, e uma sandália de couro. O importa é que a criança incorpore a figura do camponês (Figura 29 e 30).

Os meninos se vestem com a blusa da Festa do Divino do ano vigente, uma bermuda com o mesmo tecido do vestido das meninas (listrado) e nos pés uma sandália de couro.

As frutas levadas nos cestos simbolizam os nove frutos do Espírito Santo. Segundo o livro bíblico Gálatas, esse ato tem objetivo de produzir frutos de renovação para uma vida nova em sua vocação, já descritos anteriormente.



Figuras 29 e 30 – Crianças trajando vestes de camponeses
Fonte: Acervo da família do imperador Pedro de Almeida Rocha e do acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.7 Faixas do Divino Espírito Santo

No cortejo são colocadas três faixas com frases alusivas ao Divino Espírito Santo, distribuídas sempre entre uma ala e outra, tendo a função de separá-las, distingui-las e limitar o espaço de cada ala (Figuras 31 e 32). Cada faixa contém uma mensagem diferente da outra. Essas faixas são feitas por um pano branco ou vermelho apropriado para faixas e as letras são decalcadas e pintadas com tinta vermelha ou branca, sendo sempre levada por duas crianças nas suas extremidades, que pode ser tanto menino ou menina. Estes vestem a camisa da Festa do ano, convencionalmente usa-se calça para menino e saia para menina, e esta peça de roupa deve ser branca.



Figuras 31 e 32 – Crianças levando faixas com menção ao Espírito Santo
 Fonte: Acervo da família do imperador Pedro de Almeida Rocha e do acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.8 Ala da irmandade do Divino Espírito Santo

A irmandade, constituída por crianças que fazem parte das atividades da Igreja e que estão muito ligadas a Festa do Divino, é caracterizada por uma roupa toda branca, ambos os sexos (Figuras 33 e 34). As crianças seguem em fila indiana no cortejo. O seu diferencial em relação às demais alas que pertencem ao cortejo é o uso de uma capa de tamanho médio de cor vermelha com uma pomba no lado esquerdo.

Esta capa, também denominada de capinha do Divino, encobre até os cotovelos e pintado no lado esquerdo do ombro, fica uma pomba branca que representa o pertencimento das crianças à irmandade do Divino Espírito Santo.



Figuras 33 e 34 – Crianças da Irmandade do Divino Espírito Santo
 Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.9 Pomba do Divino

Um dos principais símbolos da Festa do Divino é a imagem da Pomba (Figura 35) que anuncia a aproximação da corte do imperador. A imagem da pomba além de ser branca, apresenta-se de asas abertas. Exatamente entre os pés da pomba e uma base de cor azul, está um laço feito por uma fita vermelha.

A imagem da pomba do Divino é levada na maioria das vezes por uma menina que é aclamada como imperatriz pela família do imperador. Sempre usando um vestido pomposo a rigor, essa personagem só tem como função carregar a imagem da pomba, ficando restrita somente a essa função. Porém pode acontecer de não haver a figura da imperatriz e então a pomba é levada por uma criança escolhida pela família. Logo após a pomba, vem a corte imperial.



Figura 35 – Imagem da pomba do Divino
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

Há uma ala que está em desuso, que hoje não aparece mais no cortejo e, portanto não aparece no esquema do cortejo citado acima. Esta ficava junto à imagem da pomba e nela eram conduzidos sete pombos por sete crianças em um cesto pequeno para serem soltos na hora do glória, ou seja, “o glória” é o momento do louvor na celebração de Pentecostes. Nesta ocasião, as crianças usavam vestes nas cores vermelha e branca enfileiradas (Figura 36).



Figura 36 – Cestos dos pombos no cortejo
 Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.10 A coroa e seus guardiões

Este grupo é formado por três crianças: o sucessor do Imperador e os dois guardiões, sendo impreterivelmente do sexo masculino. A justificativa é a proteção do sucessor e da coroa. A indumentária utilizada pelo sucessor do Imperador e pelos guardiões são as mesmas. Esta se baseia por uma boina branca, uma blusa social de manga comprida branca, um par de luvas, bermudão branco, uma meia-calça branca e uma sapatilha a combinar com a roupa do imperador.

Entre as peças da indumentária são acrescentadas uma gravata borboleta ou um laço de colarinho e um colete com botões dourados, sempre nas mesmas cores entre si, ou seja, as cores do colete e da gravata borboleta não podem ser diferentes na sua coloração. A cor dessas peças é determinada de acordo com o manto do imperador podendo ser azul ou vermelha.

O sucessor do Imperador que fica posicionado logo atrás dos dois guardiões e na frente do Imperador, leva em suas mãos, uma bandeja de pé alto prateada e sobre esta fica a coroa do Divino Espírito Santo.

Os guardiões, um ao lado do outro, levam consigo uma almofada em suas mãos, de forma que carreguem disposto a almofada na altura do peito, como se estivesse levando uma bandeja. Estas almofadas são de camurça, podendo ser de cor azul ou vermelha e possuem detalhes em dourado como lantejoulas, linhas e barbantes.



Figura 37 – Os guardiões e a coroa do imperador
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.11 O Imperador

O Imperador (Figura 38) no cortejo aparece logo após a coroa com seu uniforme idêntico a de um monarca. Essa é a indumentária mais importante de todo cortejo. Sua roupa é formada por um chapéu conhecido na localidade como “chapéu de veludo”, este é feito com tecido de seda, algodão ou lã, por costureiras locais. Este ritual obedece à tradição portuguesa, usado no Brasil pelo imperador Dom Pedro na época do império.



Figura 38 – Imperador Eliezer Francisco de Santana Junior da Festa do Divino de 2001
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

Este chapéu (Figura 39) se caracteriza por ser longo, cobrindo a cabeça integralmente. Seus prolongamentos vão da parte anterior à parte posterior da cabeça, demonstrando dessa forma, um formato semelhante a um barco. O chapéu pode ser simples ou enfeitado com lantejoulas ou outros similares. Na parte superior do chapéu do Imperador é colocada uma pluma branca que fica posicionada para cima. O chapéu pode ser nas cores azul ou vermelha desde que seja na mesma cor do blusão do Imperador.



Figura 39 – Chapéu de imperador
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

O blusão do Imperador (Figuras 40 e 41) é feito de camurça e é ornamentado com fios, barbantes, lantejoulas, pedras e botões dourados. Possui colarinho alto, ombreiras com cordões dourados nas bordas e os detalhes do blusão são produzidos a gosto da família do Imperador.



Figuras 40 e 41 – Frente e verso do blusão do imperador
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

O bermudão (Figuras 42 e 43) é feito com material de brim ou seda na cor branca e este vai até a altura do joelho. Este componente que faz parte da indumentária do Imperador não possui muito detalhes dourados como o blusão, já descrito. Um acessório que pode ser usado pelo Imperador é uma faixa dourada na cintura, tendo a mesma função de um cinto. Porém este não é obrigatório, ficando a critério do uso pelo Imperador.



Figuras 42 e 43 – Bermudão de imperador
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

Há também a utilização pelo imperador de uma meia-calça branca e um par de luvas brancas. O sapato pode variar de cor, sendo de preferência uma sapatilha na cor do blusão. Este se caracteriza por ser de camurça e possuir uma fivela dourada na parte que sobrepõe o pé (Figuras 44, 45, 46).



Figuras 44, 45 e 46 – Par de luvas, par de sapatos e meia-calça do imperador Pedro de Almeida Rocha em 1991

Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

O manto (Figura 47) é o componente da indumentária do Imperador mais trabalhoso para ser produzido. Isto é justificado pelo seu tamanho, que chega a atingir mais de 2 metros, e quantidade de detalhes bordados ao longo do seu tecido. O manto é feito com material de veludo, detalhado com pérolas, lantejoulas, linhas e barbantes dourados. Toda a roupa do Imperador é bastante trabalhosa, esbanjando beleza

dando a impressão de muito poder financeiro e luxo. A indumentária do imperador em si caracteriza a época do ouro e riqueza usada pela coroa portuguesa.



Figura 47 – Manto do imperador Pedro de Almeida Rocha
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

O Imperador do Divino tem em sua posse um cetro (Figura 48), que é um objeto feito em prata e representa o símbolo do poder da instalação do reinado do Imperador. Em uma de suas extremidades fica suspensa, por uma liga metálica, uma pomba em prata que representa a ascensão do garoto que é Imperador.



Figura 48 – Imperador Antônio Pedro Linhares da Silva Cunha da Festa do Divino de 1967
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.12 Os pajens

Os pajens são garotos que tem a função de carregar o longo manto do imperador. Ao total são nove meninos, e estes vestem a mesma roupa dos guardiões da coroa, já descrito acima. O que difere os pajens dos guardiões é a cor da boina. Nos guardiões da coroa, como já citado acima, a boina é branca enquanto que nos pajens a boina obedece à cor do manto e do colete, os quais estes últimos podem ser azuis ou vermelhos (Figuras 49, 50 e 51).



Figuras 49, 50 e 51 – Pajens, colete dos pajens e pajens no cortejo
 Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.6.13 A família do Imperador

A família do Imperador segue logo atrás da corte, e a corte é composta pelo Imperador e seus adjuntos (pajens, guardiões e sucessor). Os pais e a família vêm arrumados com roupas nas cores do Divino, como também podem vir com a blusa da Festa, ou de roupa social.

4.6.14 Devotos do Divino

Em sua maioria, os devotos do Divino são familiares de ex-imperadores, são fiéis da Igreja católica, que tem muita fé no Espírito Santo, apoiando e ajudando em todos os sentidos a Festa do Divino que é organizada todo o ano por uma família diferente. Estes vêm com blusas nas cores vermelha e branca, ou então com as blusas da Festa atual e da Festa de anos passados a qual organizou.

4.6.15 A filarmônica

Na cidade de Cachoeira há três filarmônicas musicais: Sociedade Cultural Opheica Lira Ceciliana (Figura 52), Minerva Cachoeirana e Filarmônica 25 de Junho. Até o momento só a Lira e a Minerva participam do cortejo do Divino, porém a Filarmônica

25 de Junho por ser a mais nova entre as três filarmônicas da Cachoeira ainda não participou dessa Festa.

Estas filarmônicas participam de momentos festivos da cidade e durante a realização da Festa do Divino Espírito Santo já é uma tradição uma filarmônica participar. A filarmônica é escolhida pela família que está realizando a Festa mediante o grau de relação de proximidade que tem e às vezes até duas filarmônicas se apresentam na mesma Festa. A filarmônica escolhida participa da Festa durante quatro momentos.

1º Momento: A filarmônica vai até a casa do Imperador para acompanhar durante todo o cortejo pelas ruas seculares da cidade de Cachoeira, tocando seus dobrados e conduzindo em procissão até a porta da Igreja para receber a Divina coroação.

Há cerca de dez anos, a Filarmônica seguia no cortejo até a delegacia da cidade para que o Imperador libertasse um preso. Nesse momento a Filarmônica só executa dobrado ou música alegre, traduzindo assim a libertação do preso. A escolha do preso se dava dentro da delegacia, na qual o Imperador girava a bandeira do Divino Espírito Santo em torno de vários prisioneiros, naquele que a bandeira tocasse, era o escolhido para ser libertado. Porém, atualmente esse ato de libertar uma pessoa que estava aprisionada na delegacia não existe mais.

2º Momento: A segunda presença da filarmônica acontece durante a etapa da realização da missa de Pentecostes no momento da elevação do pão eucarístico, ou seja, quando é feita a execução de um fragmento de marcha que simboliza o respeito e a atenção ao Santíssimo Sacramento. Este ato acontece quando o padre apresenta aos fiéis a hóstia consagrada para adoração.

3º Momento: A terceira participação é quando termina toda a festividade religiosa, na qual o Imperador passa o cetro para o seu sucessor já empossado. Após esse momento a filarmônica retorna no cortejo para a casa do novo Imperador, tocando suas tradicionais músicas.

4º Momento: A última participação é optativa. Algumas famílias fazem, outras não. A participação acontece quando termina toda parte religiosa. A filarmônica vai para a

residência do Imperador que fez a festa para marcar sua presença, lá executa algumas retretas, ou seja, músicas variadas, alegrando a festa e participando de toda a folgança.



Figura 52 – Filarmônica Lira Ceciliana
Fonte: Acervo da Filarmônica Lira Ceciliana, 2011.

4.6.16 Queima de foguetes

Já é de costume o juiz da Festa do Divino, todos os anos convidar o senhor Menez, como é popularmente conhecido, para soltar os foguetes durante o cortejo, como também na celebração. É tradicional ele fazer esse tipo de serviço a mais de uma década, só deixando de fazer quando a família não tem condição de comprar os fogos.

Os foguetes para serem tocados obedecem a uma ordem cronológica. Antes da saída do cortejo, ele toca uma vez. Esse primeiro foguetório tocado é denominado de “chamada”, anunciando que o cortejo está prestes a sair, sendo considerado o primeiro anúncio. O segundo momento é quando o cortejo sai da casa do Imperador, então é tocado mais uma vez os foguetes. O fogueteiro segue à frente do cortejo, continuando a soltar fogos até a chegada da porta principal do templo. Nesse momento o Imperador espera na entrada da Igreja pela aproximação da comitiva do Pároco que se desloca da mesa que fica próxima ao altar-mor até a entrada principal

para fazer a coroação do Imperador. Assim que começa a referida coroação, o Sr. Menez inicia outra série de foguetadas, só parando quando o Imperador entra no templo sagrado e senta no seu trono.

No momento da elevação do Santíssimo, é tocada outra quantidade de foguetes e finalizando a celebração acontece mais uma queima de fogos. Com o término da solenidade o encarregado de foguetear acompanha o cortejo, dessa vez indo para a residência do Imperador empossado fazendo o seu papel de soltar foguetes, acabando desta forma todas as etapas que envolvem fogos de artifício.

4.7. COROAÇÃO DO IMPERADOR

A coroação do Imperador (Figura 53) é um momento solene, no qual, os fiéis que estão presentes acompanham pelas ruas o cortejo, enquanto os outros que se encontram dentro da Igreja ficam atentos e em silêncio para esse momento ímpar. O Imperador se aproxima da porta do templo junto com sua corte, em seguida, o pároco sai do altar-mor e vai ao encontro do Imperador, que juntamente com ele vêm os padres auxiliares e os coroinhas, trazendo água benta, turíbulo e a naveta para esse momento. Posteriormente, o Imperador se ajoelha, une suas duas mãos na altura do seu peito e fica em profunda espiritualidade. Em seguida, o padre abençoa o Imperador e invoca o Espírito Santo, pedindo proteção para todos que estão na celebração, depois joga água benta, incensa e então coloca a coroa na cabeça do Imperador.

Em sequência toda comunidade católica presente fica de pé e começa a bater palmas, o Imperador se levanta e vai adentrando ao templo com passadas curtas no tapete vermelho que é colocado especialmente para esse dia considerado especial. Seus pais o acompanham segurando em cada lado da coroa. Além disso, toda a corte também o acompanha durante a sua entrada na Igreja.

E nesse momento de grande emoção, muitos fiéis choram, fazem diversos pedidos, promessas, sentem arrepio e outros agradecem por graças recebidas. Esse é o momento mais esperado dos devotos e de toda comunidade católica presente. A

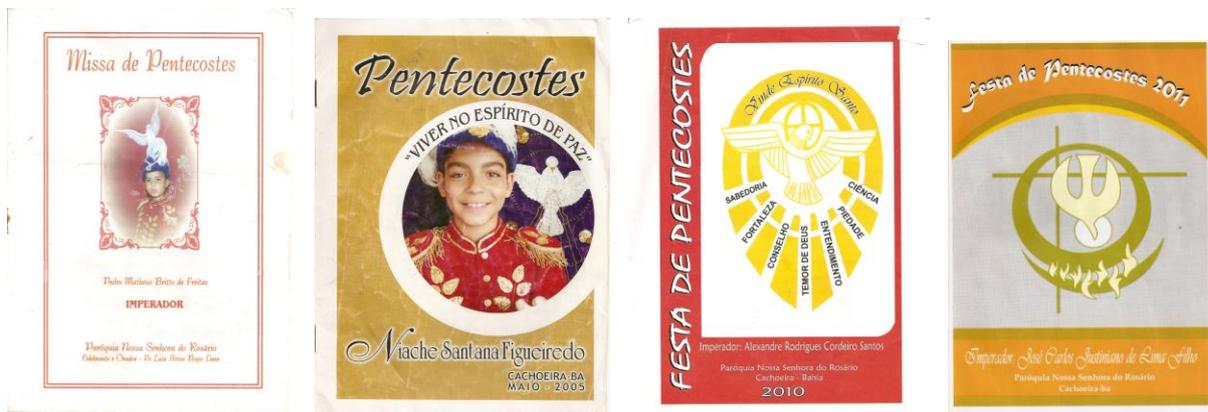
pessoa encarregada de tocar o foguete começa a soltar, anunciando para a cidade que está acontecendo a coroação. Ao mesmo tempo o coral entoia a música do Divino Espírito Santo, até que o Imperador chegue ao trono para tomar assento.



Figura 53 – Coroação do Imperador Eliezer Francisco de Santana Junior em 2001
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.8 SANTA MISSA DE PENTECOSTES

No dia de Pentecostes acontece a Santa Missa, que inicia às nove horas da manhã com a chegada do cortejo à Igreja Nossa Senhora do Rosário (Igreja Matriz). Logo que é feita a coroação do Imperador na frente da Igreja, ou seja, no passeio em frente da porta principal, começa a celebração da missa. A missa, juntamente às demais celebrações do dia de Pentecostes é o ponto mais alto da Festa, momento que chega ao seu apogeu. Observa-se que os participantes se emocionam durante a celebração, ou seja, é um momento de muita fé entre os fiéis. A missa é realizada por momentos, que são acompanhados por livretos da Festa (Figuras 54, 55, 56 e 57), os quais seguem a descrição abaixo conforme a sequência de realização das etapas nestes livretos.



Figuras 54, 55, 56 e 57 – Livretos das celebrações de Pentecostes dos anos de 2004, 2005, 2010 e 2011, respectivamente da esquerda para a direita
 Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.8.1 Entrada do cortejo

No momento em que o cortejo entra no templo, o coral começa entoando geralmente o cântico “Derrama Deus teu Espírito” e todos os fiéis ficam de pé, dando uma salva de palmas para ver o cortejo adentrar junto com a corte. Naquele momento a figura maior da Festa é o Imperador.

O último a entrar na Igreja é o Imperador. Este entra junto com seus pais que ficam cada um em um lado, segurando a coroa que está na cabeça do Imperador até o altar-mor. Deste ponto a coroa é retirada e então o imperador se encaminha ao seu trono que fica numa parte mais alta ao lado do altar-mor. Isso acontece porque o imperador está reinando, logo tem o poder soberano naquele momento.

4.8.2 Ato penitencial

Logo após a entrada do cortejo, acontece o canto inicial da celebração, posteriormente realizam o “Ato Penitencial”, isto é, pedidos de perdão por tudo que é feito e considerado como atos errôneos. Em seguida, acontece o “Hino de Louvor” que é o momento do “Gloria a Deus”, em que são estouradas bolas de aniversários, ou seja, balões de ar existentes na Igreja. Anteriormente, soltavam-se sete pombos,

mas atualmente por motivo de doença trazidas por esta ave, não se faz mais esse ritual.

4.8.3 Entrada da bíblia

Após o hino de louvor é feita a entronização da Bíblia Sagrada para a proclamação da Palavra de Deus. Neste momento o coral da Igreja canta hinos de louvor, sendo acompanhado por todos os presentes. Além disso, são feitas duas leituras bíblicas, uma pelo Imperador e a outra por alguém da família do Imperador. Em seguida acontece a leitura do salmo responsorial.

4.8.4 Aclamação ao evangelho

Logo depois da entrada da Bíblia, é entoado o cântico pelo coral referente à aclamação do evangelho. Em seguida, é feita a leitura do evangelho pelo padre e depois acontece a homilia em que ele aborda nas suas palavras um resumo do que foi colocado nas leituras realizadas durante a missa. Todas essas leituras são feitas de acordo com o tema do dia de Pentecostes. Geralmente o padre tem de 15 a 20 minutos para falar nos temas referentes ao Espírito Santo. Logo após a aclamação do evangelho começa a “Profissão de Fé”, este é o momento no qual os fiéis afirmam oralmente que creem no “Deus vivo, no Deus Salvador”.

4.8.5 Ofertório

É o momento que os fiéis colocam suas ofertas numa sacola, contribuindo para as despesas da Igreja. Colaboram com a quantidade que desejam. É costumeiro em Cachoeira o padre anunciar no final da celebração o valor total da arrecadação, para que fique bastante clara e transparente a contribuição que foi colocada na sacola, considerada como “bolsa da beneficência”. Em seguida, realiza-se ritual eucarístico com a consagração do pão e do vinho. O “Santo”, que é um hino que pode ser rezado ou cantado. Logo após vem o “Abraço da Paz”. Nesse momento todas as

peças que estão na Igreja se abraçam. Cada pessoa vai à procura das outras para trocar o seu abraço.

4.8.6 Comunhão

A Comunhão é o momento da ceia, onde o padre usa a hóstia consagrada, isto é, o pão sem fermento (ázimos) e o vinho que simboliza o sangue de Jesus. Esses alimentos são dados aos fiéis que se sentem preparados para serem comungados, ou seja, consumirem o alimento que simboliza o corpo e o sangue de Cristo. Esses sinais do pão e do vinho significam a benevolência de Deus na sua criação.

As espécies eucarísticas (pão e vinho) trazem uma grande união com Jesus, que disse: *“Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e eu nele”* (Jo. 6,56).

4.8.7 Canto final

Antes do cântico final o padre faz a bênção dizendo a seguinte frase: *“Ide em paz e o Senhor vos abençoe”*, finalizando a missa com o coral entoando a música alusiva à data de Pentecostes. Logo em seguida é feito os avisos da paróquia. Esses avisos consistem em informar às missas que serão realizadas durante a semana, reuniões de pastorais e possíveis eventos.

4.9 A TRANSIÇÃO DE REINADO

No final da missa do Pentecostes acontece o ritual do fim do reinado de um imperador, e o início do reinado de outro. Esse ritual acontece no primeiro degrau do altar-mor em que além da presença do atual Imperador e do futuro Imperador de um lado ficam os familiares do atual Imperador e do outro a presença dos familiares do Imperador eleito que está prestes a receber a sua posse.

Com a presença da família e de toda comunidade, faz-se simbolicamente a passagem do cetro para o contemplado e a confirmação é dada com uma salva de palmas e bênçãos do pároco ao novo Imperador, como também aos fiéis que participaram da solenidade (Figura 58).



Figura 58 – Ritual de transição de reinado com a passagem do cetro em 2011
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

É proferido, então, um discurso pela família do Imperador anterior e pelo pároco para a família do novo Imperador, desejando a ele e sua família uma boa sorte na sua jornada. Em resumo, eles pedem iluminação nessa nova jornada e em sequência são abençoados pelo padre e com uma calorosa salva de palmas é aclamado o novo Imperador.

Este segue em direção à porta do templo com todo o cortejo e a comunidade que participa da solenidade seguindo em direção à residência do mais novo Imperador com o intuito de que o antigo Imperador entregue a bandeira do Divino e assim finalize o ritual de passagem do reinado.

4.10 AGRADECIMENTOS NO FINAL DA CELEBRAÇÃO

O encerramento da celebração de Pentecostes se dá quando o sacerdote abençoa a todos que estão participando da missa. Os pais do Imperador agradecem às pessoas que se uniram a eles para ajudar com seu trabalho ou com ajuda financeira. O grupo que saiu com a Bandeira do Divino é o principal homenageado, em seguida vêm os agradecimentos para os componentes do coral, as crianças que formaram a corte, a Filarmônica que fez a tocata e de um modo geral a todos que foram participar e prestigiar a celebração de Pentecostes na cidade da Cachoeira.

4.11 ENTREGA DA BANDEIRA NA CASA DO NOVO IMPERADOR

Com o cetro em mãos, o Imperador recém-nomeado e a comunidade vão com a família do imperador até a sua residência (Figuras 59 e 60). Segue junto a eles a corte completa e a filarmônica que anima o cortejo até a entrega da bandeira no seu domicílio. A Bandeira fica na casa do novo imperador pelo período de um ano, nesse tempo o novo Imperador está reinando e sua casa fica protegida pelo Espírito Santo. Este ritual é considerado sagrado na devoção da Festa de Pentecostes.



Figura 59 e 60 – Entrega da bandeira na residência do novo imperador no ano de 2000
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

4.12 COMEMORAÇÃO DE ENCERRAMENTO DO REINADO DO IMPERADOR

Neste dia nota-se que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário fica repleto de fiéis de vários lugares do Recôncavo da Bahia e de outras regiões que são devotos do Espírito Santo e visitantes de um modo geral. As pessoas que estão na celebração são convidadas a participar de um coquetel com refrigerante.

Logo após a entrega da bandeira na residência oficial do novo Imperador, o cortejo segue para o local onde será realizada a comemoração do reinado que foi encerrado. Geralmente a família costuma distribuir bebidas, como também, produzem um bolo (Figura 61) em tamanho grande para que seja repartido entre as pessoas que se encontram no local da Festa.



Figura 61 – Bolo em comemoração à Festa do Divino de 2001
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho é documentar e analisar a Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Cachoeira - BA deixando registrada essa manifestação cultural imaterial. Essa é maneira de contribuir para dialogar no que diz respeito à preservação e ao mesmo tempo fazer a difusão dessa tradição cultural.

Não há conhecimento de outro trabalho que enfoque a Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira-BA, portanto esta obra possui um caráter pioneiro quanto ao registro de manifestações culturais da cidade. Desta forma, imagina-se que esta pesquisa possui grande relevância para a Igreja Católica Apostólica Romana, seus fiéis e para a comunidade cachoeirana de um modo geral.

Em uma análise feita durante a monografia, foi percebido que o processo inicial desse trabalho encontrou muitas características que foram perdidas ao longo do tempo. O reencontro com estes costumes antes utilizados traz grandes possibilidades de revitalização da Festa, no que diz respeito à sua história. Nesse processo se trabalharia os seus traços, com aprendizados sobre tradições e transmissões no sentido de pertencimento dos fiéis na manifestação dessa cultura imaterial que faz parte da história e memória religiosa da cidade e da cultura do povo cachoeirano.

Percebe-se que o tema possui grandes possibilidades para ser ainda mais explorado e obtendo-se mais fontes de pesquisa, aumentando assim o leque sobre o tema, principalmente nas áreas da Etnologia e Museologia, sendo que cada pesquisador tem um olhar diferenciado, aumentando ainda mais as vertentes de pesquisa.

Ressalta-se ainda que o trabalho colabora para desenvolver reflexões entre pesquisadores, leitores e pessoas da comunidade para chamar a atenção dos governantes e órgãos como o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), para um possível registro dessa cultura imaterial, promovendo ainda ações permanentes junto à Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira (Igreja Matriz), para contextualização da manifestação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. São Paulo. Nova Fronteira, Fapesp, 1999.

ARRUDA, Gilmar. O patrimônio imaterial: a cidadania e o patrimônio dos “sem eira nem beira”. **Diálogos**, Londrina; DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 117-144, 2006. Disponível em: <<http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=78>> Acesso em: 25 set. 2010.

ARANTES, A. Antonio. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. **Resgate**, Campinas; Artigos e Ensaios, p. 11-18, 2004. Disponível em: <www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/download/175/17>. Acesso em: 28 set. 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. 41. ed. pastoral. São Paulo: Paulus Gráfica, 2000.

BOUNARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **Revista de Psicologia Social e Institucional**. Londrina; v.1, n. 2, Nov. 1999. Disponível em: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov1n22.htm>. Acesso em: 12 out. 2010.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes museológicas**, 2 ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006, pp.10-92.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB – **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo; Ed. Loyola, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB - Regional NE 3. **Novena ao Espírito Santo**. Ed. Fonte Vida, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro; Editora Nova Fronteira S.A. 1988.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: **Cadernos de Ensaio, n. 2. - Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, pp. 64-74.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População: Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/BA2010.pdf>. Acesso: 25 mar. 2011.

VENDRUSCOLO, Padre Luis A. e ESTFANELLO, Padre Reneu P. **O sacramento do Espírito Santo: a crisma**. 6. ed. Rio de Janeiro; Editora Vozes, 1991.

SENA, Tatiana da Costa. **A atribuição de valor nas práticas de preservação do Patrimônio**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14298-04.pdf> >. Acesso em: 23 fev. 2011.

GLOSSÁRIO DE TERMOS ESPECÍFICOS

ALTAR-MOR – Altar principal de uma Igreja, na extremidade oposta à porta de entrada.

AMBIVALÊNCIA – Caráter do que apresenta dois aspectos ou dois valores. Estado de quem experimenta ao mesmo tempo, numa determinada situação, sentimentos opostos.

CAMPONESES – São crianças trajando roupas bastante simples, com chinelo de couro, calças rústicas e camisa de chita; e as meninas com vestido comprido e lenço na cabeça.

CASULA – Vestimenta sacerdotal que se põe sobre a alva e a estola.

CETRO – Bastão de apoio usado outrora pelos reis e generais, utilizado como acessório pelo imperador da Festa do Divino Espírito Santo. Insígnia real ou de comando. Poder real.

CIRCENSES – Pertencente ou relativo a circo.

COMUNGAR – Tomar o sacramento da eucaristia, ou seja, a hóstia sagrada.

CORTE – As pessoas que habitualmente cercam um soberano procurando agradar.

CORTEJO – Ato ou efeito de cortejar. Cumprimentos solenes. Comitiva pomposa; séquito. Procissão, acompanhamento.

DEVOTOS – Aquele que tem devoção; piedoso, religioso; beato. Dedicado, devotado.

DOBRADO – É a evolução da marcha militar, que são adotadas pelas filarmônicas como principal gênero que representa a mesma.

DONATIVOS – Dom, presente, dádiva, esmola, ou seja, tudo que é ofertado para que seja feita a realização da Festa.

ESMOLA – O que se dá aos necessitados por caridade ou filantropia, óbolo. Tudo que consegue durante a bandeira e posterior para que consiga fazer a Festa.

ESPADIM - Pequena espada usada pelo Imperador na sua cintura durante o cortejo até o final da celebração de Pentecostes.

ESPÍRITO SANTO - Foi aquele que orientou o plano do amor e da criação do pai. E “Desceu em forma de pomba” quando Jesus foi batizado.

FILA INDIANA – Fileira de pessoas que se põem umas atrás das outras, pela ordem de chegada. Era utilizada pelos indígenas das Américas como forma de andar pelas trilhas no meio da mata.

FLÂMULA – Bandeirola estreita e comprida, terminada em bico ou farpada, e que se usa em sinalizações, festividades ou como adornos. Bandeira para ornamentação em ocasiões festivas.

FOLGANÇA – Descanso, repouso. Festa, divertimento.

HOMILIA – Pregação em estilo familiar e quase coloquial sobre o Evangelho, ou seja, Pessoa que faz ou prega. Orador sacro.

IRMANDADE – Associação de caráter religioso; confraria. União ou intimidade fraternal; confraternidade.

TIAS DO DIVINO – São mulheres devotas do divino que conhecem bem toda estrutura do Festejo e ficam encarregadas de orientar todos os anos as famílias que vão fazer a Festa do Divino Espírito Santo.

MARCHA – Geralmente é relacionado a movimento, então essas músicas são tocadas quando a filarmônica está se movimentando nas ruas, acompanhando procissões, romarias ou outro evento qualquer.

NAVETA – Vaso pequeno, com o feitiço de um barco onde nas festas de Igreja se serve um incenso para os turíbulo.

NAVE PRINCIPAL – Espaço na Igreja, desde a entrada até o santuário, ou o que fica entre fileiras de colunas que sustentam a abóbada.

NOVENA – O espaço de nove dias. Reza feita durante nove dias.

NOVENÁRIO – Livro de novena. É antes de tudo um ato de louvor ao pai, ao filho e ao Espírito Santo, Deus três vezes santo. Três é um número perfeito. Três vezes três é igual a nove. A prática de nove dias de orações.

PÁROCO – Sacerdote encarregado de uma paróquia, ou seja, o presidente.

PÁSCOA – Festa anual dos cristãos, que comemora a ressurreição de Cristo e é celebrada no primeiro domingo depois da lua cheia do equinócio de março. O cumprimento do preceito pascal, sobretudo quando feito coletivamente.

PENTECOSTES – Festa católica celebrada 50 dias depois da páscoa em comemoração a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos.

POLACA – É um gênero musical genuíno da filarmônica, ou seja, mini-concerto comparado como uma valsa acelerada em que um trecho musical é executado por uma única pessoa com seu instrumento e em seguida toda a banda acompanha.

POMPA – Grande luxo, gala, aparato suntuoso e magnífico.

PRATO VOLANTE – É quando se recebe num evento um grande número de convidados e não há condições de sentar todos na mesa. Então é preparada uma

mesa com as travessas com os referidos alimentos e os convidados vão se servindo e acomodam-se onde podem na área do evento.

PRECATÓRIOS - Em que se pede algo.

QUARESMA – Compreende aos quarenta dias que tem o seu início na quarta-feira de cinzas e tem o seu término no domingo de páscoa, destinados pelos católicos e ortodoxos à penitência e reflexão espiritual.

REINADO - Tempo de governo de um Rei ou Imperador que reina, tem poder em determinado período.

RETRETA – É quando a filarmônica em praças públicas, ou em locais fechados faz apresentação e executa músicas variadas como dobrados, marchas, polaca e peças harmônicas ou vários estilos musicais.

SALMO RESPONSORIAL – O adjetivo responsorial deriva da palavra responsório, que por sua vez está ligado a palavra resposta. Ela antecede na segunda leitura e é uma resposta a Deus pelo que foi dito na primeira leitura, portanto, ajuda o fiel a rezar e meditar na Palavra que foi proclamada.

SANTÍSSIMO – O sacramento da Eucaristia. A hóstia consagrada.

SANTÍSSIMA TRINDADE – Na doutrina cristã, dogma da união de três pessoas distintas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo em um só Deus.

SANTUÁRIO – Lugar consagrado pela religião; lugar santo. Lugar mais sagrado do templo judaico de Jerusalém, onde se guardava a arca da aliança. Templo, Igreja, basílica, capela.

SINAGOGA - Local de reunião dos israelitas para a leitura da Bíblia e a prece.

TURÍBULO – Vaso onde se queima incenso nos templos; incensório, incensário.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Que tem como objetivo a segurança e a paz no mundo.

VERBO – A segunda pessoa da Santíssima Trindade, encarnado em Jesus Cristo. A sabedoria eterna.

VÉU DE OMBRO – Manto de seda que o padre põe nos ombro ao ter de empunhar a custódia ou transportar os cibórios que contém hóstias consagradas; véu umeral.

VIVACIDADE – Qualidade de vivaz; atividade, intensidade, energia, esperteza, finura, modo expressivo de falar ou gesticular, brilho.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Questionário 1 - Entrevista sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira

QUESTIONÁRIO

Nome: Cônego Hélio César Leal Vilas-Boas

Idade: Cinquenta e quatro anos

Endereço: Rua Lions Clube, Nº 01, Centro. Cachoeira – BA

1 – A quaresma tem relação com a Festa do Divino?

R: O calendário litúrgico compreende o período que vai desde a Quaresma até Pentecostes como um mesmo ciclo, o chamado ciclo da Páscoa. Portanto, a relação é apenas de preparação remota. E de certa forma, numa visão teológica, a Páscoa é o Pentecostes antecipado.

2 – O que é Pentecostes?

R: Para o judaísmo, é a Festa celebrada 50 dias após a páscoa, comemorando a aliança e o dom da Lei - a Torá. Os cristãos celebram, a partir da ressurreição de Jesus, nesta mesma data, o nascimento da Igreja com a vinda do Espírito Santo, conforme atesta o evangelista Lucas no livro dos Atos dos Apóstolos.

3 – Qual a relação da Páscoa com a Festa do Divino?

R: A relação é justificada pela organização do calendário católico. Para o evangelista João, Pentecostes acontece concomitantemente com a Páscoa. Na organização do calendário litúrgico, a Festa de Pentecostes foi fixada cinquenta dias após a ressurreição de Jesus.

4 – O que é o Espírito Santo?

R: O Espírito Santo é a ação de Deus. É Deus agindo em nós. É a força do amor e comunhão entre as pessoas do Pai e do Filho. É a graça divina santificante.

5 – Qual a importância da Festa do Espírito Santo em Cachoeira?

R: Ela é importante porque integra a identidade religiosa de Cachoeira. A cultura cristã de tradição católica está presente neste município desde a constituição da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e a partir de sua freguesia. A Festa do Divino e a Cachoeira histórica se relacionam muito bem. O império do Divino faz parte das raízes religiosas de Cachoeira e ao mesmo tempo, evoca o nascimento da Igreja e sua renovação através dos séculos. Nesta Festa, tradição e renovação - ação que é própria do Espírito Santo - se adequam muito bem.

6 – Quais os momentos mais importantes da Festa?

R: O hasteamento da bandeira do império do Divino e a chegada do cortejo para a missa da Festa.

7 – Em seu ministério sacerdotal, qual foi o momento mais marcante na celebração desta tradição?

R: Entre tantos momentos de grande emoção que experimentei nesta Festa, coroando mais de duas dezenas de imperadores, sem dúvida, a coroação de Roberto Silva de Moraes (1998), meu filho adotivo desde 4 meses de idade, foi a emoção do reconhecimento do imenso amor de Deus para conosco.

8 – Poderia falar sobre a bandeira do Divino a começar pela missa do envio?

R: A bandeira de cor vermelha que simboliza o amor de Deus derramado em nossos corações, tendo a pomba ao centro como distintivo do Espírito Santo, é portadora de uma mensagem especial para os cristãos: a paz é possível! Ela gera alegria e esperança no viver. Sendo a paz, o primeiro dom de Jesus ressuscitado aos seus discípulos, no domingo de Páscoa, após a Missa, acontece o envio da bandeira a todos os moradores da cidade para que ela seja portadora desta paz e da alegria daqueles que foram resgatados do pecado e de toda escravidão para a liberdade dos filhos de Deus.

9 – Por que alguns fiéis choram quando recebem a bandeira do Divino em suas residências?

R: É comum, na peregrinação da bandeira, encontrar pessoas que se emocionam e até choram ao receber a visita da bandeira do Divino, porque ela simboliza o amor de Deus que não faz distinção de pessoas, ela é sinal da proteção divina. A bandeira vai a todas as casas e ambientes. Visita pobres e ricos. Abençoa as casas e assegura fartura de bens para os seus moradores.

10 – Gostaria de falar mais alguma coisa sobre essa divina tradição?

R: Esta é uma tradição implantada nas paróquias consideradas de relevante importância no Brasil Colônia. Esta Festa é um costume dos portugueses que trouxeram às terras brasileiras nos fins dos séculos XVIII. É considerada a Festa de gratidão a Deus pela criação, pelos frutos da terra e pela nova criação em Cristo com a sua ressurreição. Creio que é dever do pároco apoiar esta devoção popular e torná-la cada vez mais significativa pelo que ela significa: a gratidão, o amor e a paz.

Questionário 2 - Entrevista sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira

QUESTIONÁRIO

Nome: Dom Roque Cardoso Nonato

Idade: Sessenta e nove anos

Endereço: Vila Residencial Pedra do Cavalo, Quadra 04, Casa 22. Muritiba - BA

1 – O Senhor participa da Festa do Divino há quanto tempo?

R: Participamos ininterruptamente por aproximadamente mais de vinte anos, enquanto católico romano.

2 – Qual a importância da Festa do Divino Espírito Santo em Cachoeira para o (a) senhor (a)?

R: Extraordinária, em face de sua condição histórica e religiosa.

3 – O (a) senhor (a) gosta da Festa? Por quê?

R: Sim. Por sua razão de ser, por ela rememorar a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos e Maria Santíssima. O Pentecostes não é apenas uma data comemorativa de um acontecimento passado, mas uma realidade presente, sempre viva na Igreja e nos cristãos católicos.

4 – O que o (a) senhor (a) se lembra no momento da celebração de Pentecostes?

R: O início da caminhada da Igreja, exercida livremente no cumprimento da missão redentora.

5 – Qual o momento mais importante e emocionante no decorrer da celebração?

R: O canto do “Glória”, ao som do bimbalar dos sinos e do voar dos pombinhos no interior do Templo Sagrado, que emprestam ao Ato Litúrgico beleza incomparável.

6 – Quando a bandeira do Divino adentra à sua casa, o que o (a) senhor (a) acredita?

R: Obrigado a residir hoje fora da minha cidade, me sinto privado de experimentar cada ano a felicidade. Costumava tomar o lábaro das mãos do condutor, e com ela adentrar todos os cômodos.

7 – Quando a Bandeira do Divino adentra à sua residência o (a) senhor (a) faz algum pedido?

R: Acreditamos já ter antecipado a resposta. Felicidade.

8 – Se lembra de algum fato marcante nessa Divina tradição?

R: Sem sombra de dúvida, a Festa da qual foi Imperador o infante Antônio Pedro Linhares da Silva Cunha, que com o pedido dos seus pais, teve a felicidade de coordenar, e que acreditamos jamais possa se realizar.

9 – O (a) senhor (a) gostaria de ver inserido na Festa algumas peculiaridades que não se faz mais? Qual?

R: Sim. A visita do Imperador logo após a celebração Eucarística ou da Festa propriamente dita à casa de detenção para libertação do detento (figura de Jesus Cristo da sua Igreja perseguida). Gostaríamos de sugerir ao Caríssimo Irmão e Amigo Cônego Hélio esta importante tradição, que acreditamos lógica.

10 – O que o (a) senhor (a) acredita quando um fiel do Divino chora em determinada parte da solenidade de celebração de Pentecostes?

R: A Solenidade é Divina, o momento é emocionante, e se vivido com amor, é evidente que a alma cristã profundamente elevada pela força e poder do Divino Paráclito Ihe faz traduzir em lágrimas os sentimentos que Ihes invadem o coração.

APÊNDICE B

Imperadores da Festa do Divino de 1949 até 2011

Vale ressaltar que esse trabalho de registrar e documentar a Festa do Divino Espírito Santo foi pensado desde o início de 2010, durante a elaboração do projeto de monografia. Procurando traçar um tema ligado à história da cidade chegou-se à conclusão de contar a história e a memória da Festa, desta forma o trabalho viria a se tornar a fonte primária da Festa do Espírito Santo em Cachoeira.

A jornada de pesquisa documental sobre a Festa, durou um tempo equivalente a um ano e meio, através de pesquisa de campo pela coleta de informações no período da manhã e produção textual pela tarde. A maioria das informações coletadas se deu através do saber da comunidade católica local e de outras localidades, tendo em vista que muitas destas informações foram conseguidas através de familiares e pessoas que já tinham se mudado para outras cidades e estados, pois não existia nenhum registro na literatura desta festividade no município.

A coleta de informações adquiridas através de telefonemas, viagens e entrevistas também rendeu a produção de uma tabela com a catalogação de imperadores por mais de meio século com seu nome, idade, filiação, de onde saiu o cortejo e para qual Igreja seguiu. A conexão das pessoas a esta festividade foi preponderante para a salvaguarda das informações através da história da Festa que marcou suas vidas.

As várias enchentes consecutivas na cidade de Cachoeira fizeram-se perder muitos documentos considerados importantes no acervo da Igreja Matriz. Este trabalho documental vem reafirmar a importância da Festa na cultura da cidade que no decorrer do tempo, pela própria dinâmica da Festa, vinha perdendo os seus traços e costumes, demonstrando o risco da perda de algumas particularidades para sempre, com a possibilidade de esquecimento pela falta de uma documentação. A ação de catalogar os imperadores junto à comunidade serve para lembrar as pessoas que foram figuras marcantes na Festa e que deram sua contribuição para que a devoção do Divino jamais fosse apagada. Segue abaixo a tabela com os imperadores e seus referidos dados.

Tabela com os imperadores e seus referidos dados de 1949-2011

| ANO | NOME DO IMPERADOR | IDADE QUE FOI IMPERADOR | FILIAÇÃO | PONTO INICIAL E FINAL DO CORTEJO |
|------|---|-------------------------|---|---|
| 1949 | Valfredo de Assis Ribeiro | 05 anos | Aurelino Sales Ribeiro e Andrelina de Assis Ribeiro (Dezinha) | Rua 25 de junho, 16 Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1950 | Raymundo Alberto Ferreira de Cerqueira | 10 anos | Ricardo Boulivar de Cerqueira e Laudelina Ferreira de Cerqueira | Rua dos Artistas, 10 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1951 | - | - | - | - |
| 1952 | Anarolino Teodoro Pereira | 07 anos | Anarolino Peixoto Pereira e Augusta Peixoto Pereira | Rua Lauro de Freitas, 37 Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1953 | José Roberto de Almeida Martins | 05 anos | Vicente Brown Martins e Maria Elizabete de Almeida Martins | Rua do Monte, 05 Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1954 | Carlos Alberto da Silva Lobo | 05 anos | Manoel da Silva Lobo e Piedade da Conceição Lobo | Rua 13 de Maio, s/n Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1955 | - | - | - | - |
| 1956 | Aderbal Caetano de Burgos | 10 anos | Stênio Henrique de Burgos e Eunice de Burgos | Rua Ana Nery, 24 Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1957 | Athanagildo de Jesus | 09 anos | Athanagildo Alexandre Bispo de Jesus e Maria Araci Silva de Jesus | Rua Virgílio Damásio, 07 Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1958 | - | - | - | - |
| 1959 | - | - | - | - |
| 1960 | Pedro Paulo Ramos | 07 anos | Veridiano Souza Ramos e Gizélia Anunciação Ramos | Rua 13 de Maio, 41 Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1961 | - | - | - | - |
| 1962 | Dagoberto Pina dos Santos | 08 anos | Humberto José Souzart dos santos e Stela de Azevedo Pina dos Santos | Praça Dr. Milton, s/n (Correios) Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1963 | - | - | - | - |

Tabela com os imperadores e seus referidos dados de 1949-2011

| | | | | |
|------|--|---------|---|--|
| 1964 | Luis Carlos Sucupira | 08 anos | Candido Leão e Edite Sucupira Leão | Rua JJ. Seabra, 45 Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1965 | - | - | - | - |
| 1966 | - | - | - | - |
| 1967 | Antonio Pedro Linhares da Silva Cunha | 06 anos | Antonio Linhares Cardoso da Cunha e Noemia Alves da Silva Cunha | Largo dos Amores, 05 Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1968 | - | - | - | - |
| 1969 | - | - | - | - |
| 1970 | Evandro Pereira Gomes | 11 anos | Manoel Martins Gomes e Iolanda Pereira Gomes | Rua 13 de Maio, 39 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1971 | Evandro Pereira Gomes | 12 anos | Manoel Martins Gomes e Iolanda Pereira Gomes | Rua 13 de Maio, 39 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1972 | Amarildo Neviles Pereira Figueiredo | 10 anos | Nelson Casseiro Figueiredo e Odete Pereira Figueiredo | Rua Dr. João Vieira Lopes, 32 Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1973 | Álvaro Lima Freitas Lima | 08 anos | Álvaro Lima Freitas e Maria do Carmo de Castro Aguiar Freitas | Rua Dr. João Vieira Lopes, 38 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1974 | Vladimir Pereira da Silva | 05 anos | Valdomiro Gomes da Silva e Noelice Melo Pereira da Silva | Rua Ana Nery, 15 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1975 | Ivan Luciano Fonseca Rodrigues | 10 anos | Ivan dos Reis Rodrigues e Ana Maria Fonseca Rodrigues | Praça da Aclamação, 04 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1976 | Hilton Lopes Mendes Júnior | 07 anos | Hilton Lopes Mendes e Almira Lopes Mendes | Rua do Ampara s/n chácara pousada Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1977 | Antonio Francisco de Jesus Queiroz | 08 anos | Antonio Barreiro de Queiroz e Ana Judite de Jesus Queiroz | Rua Virgílio Damásio, 42 Centro Cachoeira BA, para Igreja Matriz. |

Tabela com os imperadores e seus referidos dados de 1949-2011

| | | | | |
|------|--|---------|--|--|
| 1978 | Romeninho Antônio Chaves da Silva | 10 anos | Erodilho Alves da Silva e Tânia Maria Chaves | Ladeira do Monte s/n - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1979 | Mônaco Jambeiro de Queiroz | 09 anos | Nelson de Queiroz e Eunice da Silva de Oliveira | Praça da Aclamação, 18 - Centro Cachoeira / BA, para Igreja da Matriz. |
| 1980 | Antonio Fernando dos Santos Sena | 07 anos | Guilherme Francisco de Sena e Maria dos Santos Sena | Rua JJ. Seabra, 73 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1981 | Emanoel Divino da Silva Júnior | 10 anos | Emanoel Divino da Silva e Eunice Pereira da Silva | Rua Dr. João Vieira Lopes, 04 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja do Monte. |
| 1982 | Tácio Tadeu Carvalho da Silva | 10 anos | Sálvio Hermes da Silva e Terezinha Carvalho da Silva | Rua Dr. João Vieira Lopes, 17 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1983 | Valfredo de Assis Ribeiro | 06 anos | Valfredo de Assis Ribeiro e Amélia Hilda Moreira | Rua do Amparo, 29 Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1984 | Márcio Jambeiro de Queiroz | 11 anos | Nelson de Queiroz e Eunice da Silva Jambeiro | Praça da Aclamação, 18 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja do Monte. |
| 1985 | Jorge Macedo da Cruz Neto | 09 anos | Celso Mota e Alba da Cruz Mota | Rua Augusto Regis, 05 Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1986 | Valdemar Cerqueira | 11 anos | Maria do Carmo Ferreira de Cerqueira | Rua Rodrigo Brandão, 13 – A Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1987 | Alex Leite Costa | 07 anos | Edvaldo Cruz Costa e Vera Lúcia Leite Costa | Rua Prisco Paraíso, 24 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1988 | Dénison Soares dos Santos | 10 anos | Barbosa dos Santos e Cremilda Macedo Soares dos Santos | Rua Poeta Sabino de Campos, 01 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1989 | Emerson Souza Mascarenhas | 07 anos | Prisco Alves Mascarenhas e Sonia Maria Souza Mascarenhas | Rua do Monte 02 – Centro, Cachoeira /BA, para Igreja Matriz. |

Tabela com os imperadores e seus referidos dados de 1949-2011

| | | | | |
|------|--|---------|---|--|
| 1990 | Kleidney Santos Souza | 10 anos | Benício Souza e Cleusa Maria Santana Santos Souza | Rua Julião Gomes 11 - Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1991 | Pedro de Almeida Rocha | 11 anos | Odilon Cunha Rocha e Marília de Almeida Rocha | Rua Divaldo Sales, 03 - Amparo Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1992 | Leandro Ribeiro de Matos | 10 anos | Davi Silva Matos e Eliete Ribeiro de Matos | Rua J. J. Seabra, 76 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1993 | Eder Porto de Santana | 07 anos | Valmir Mascarenhas Santana e Sonia Regina Barreto Porto Santana | Rua Poeta Sabino de Campos, 02 Monte Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1994 | João de Oliveira Peixoto Neto | 12 anos | Jorge Luiz Santos Leite e Tânia Maria Gomes Peixoto Leite | Praça da Aclamação, 10 - Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 1995 | Carlos Santos do Lago Neto | 07 anos | Wilson Souza do Lago e Josanite Soares Lago | Rua Durval Chagas, 17 Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1996 | Ítalo Almeida de Oliveira | 10 anos | Raimundo Themistocles Freitas de Oliveira e Aurita Barbosa | Rua da Saudade, 51 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1997 | Albino Farias da Silva Neto | 10 anos | Albino Farias da Silva Filho e Maria Meire Santos P. da Silva | Rua 28 de junho, 15 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1998 | Manoel Martins Gomes | 10 anos | Evandro Pereira Gomes e Márcia Maria Oliveira Passos Gomes | Rua Ernesto Simões Filho, 01 Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 1999 | José Antônio Ferreira | 11 anos | Pedro Paulo Ferreira e Maria do Rosário Ferreira | Rua Julião Gomes, 03 - Centro Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |
| 2000 | Kleiton de Souza Moniz dos Santos | 11 anos | Narciso Moniz dos Santos e Albinora Antonia de Souza Moniz dos Santos | Rua Virgílio Damásio, 41 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 2001 | Eliezer Francisco de Santana Júnior | 11 anos | Eliezer Francisco de Santana e Ana Lúcia Pedra de Santana | Rua Dr. João Vieira Lopes, 05 - Centro, Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 2002 | Fabrcício Menezes Macedo | 08 anos | Alberto de Macedo e Marinalva Menezes de Macedo | Rua Pacheco de Miranda Filho, 16 - Centro, Cachoeira / BA, para Igreja Matriz. |

Tabela com os imperadores e seus referidos dados de 1949-2011

| | | | | |
|------|---|---------|---|---|
| 2003 | Uriel Casaes Santana | 09 anos | Ivan Márcio Soares Santana e Sara Maria Rodrigues Casaes Santana | Rua Ana Nery, 35 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 2004 | Pedro Matheus Brito de Freitas | 07 anos | João Vanderlei de Freitas Brito e Luciane Norma Bispo Brito de Freitas | Rua Dr. João Vieira Lopes, 03-A - Centro, Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 2005 | Niache Santana Figueiredo | 10 anos | Wellington Santos Figueiredo e Cristiane Nunes dos Santos | Rua dos artistas, 10 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Igreja São João de Deus. |
| 2006 | Alberto Minos da Silva Leite Brito | 12 anos | Lerivaldo Brito e Raquel Silva | Rua Pacheco de Miranda Filho, 07 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja São João de Deus |
| 2007 | Jean Carlos Leoni Moreira | 07 anos | Luis Henrique Leoni Moreira e Viviane ferreira de Jesus Leoni Moreira | Rua Rodrigo Brandão, 03 - Centro Cachoeira / BA, para Igreja São João de Deus. |
| 2008 | João Vitor Mercês Bittencourt | 10 anos | Themistocles Mercês Bittencourt Junior e Carmem Gomes Rabelo | Rua Lauro de Freitas, 33 - Centro Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 2009 | Tito Antonio da Cruz Trindade | 10 anos | Wilson Trindade e Ione Aparecida Cruz | Praça do Caquende, 22 Caquende, Cachoeira / BA, para a Igreja Matriz. |
| 2010 | Alexandro Rodrigo Cordeiro Santos | 11 anos | Alexandre Damásio Santos e Carmem Virgínia dos Santos Cordeiro | Rua Santo Antônio, s/n – Centro, Cachoeira / BA para a Igreja da Ordem Primeira do Carmo. |
| 2011 | José Carlos Justiniano de Lima Filho | 09 anos | José Carlos Justiniano de Lima e Roquelina Joaneide Bispo dos Santos Lima | Rua Presidente Vargas, 44, Centro Cachoeira / BA, para Igreja da Ordem Primeira do Carmo. |

ANEXOS

ANEXO A – Fotos da visita da bandeira do Divino em Cachoeira-BA

Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.



Figura 1 – Bandeira no Cucui



Figura 2 – Bandeira na Igreja Brasileira



Figura 3 – Bandeira em residência no Cucui em 2011



Figura 4 – Bandeira no Cucui em 2011



Figura 5 – Devota enrolada na bandeira



Figura 6 – Bandeira na comunidade

ANEXO B – Festa do Divino ao longo dos anos



Figuras 7 e 8 – Libertação do preso na foto da esquerda e presença do prisioneiro recém solto para o banquete na residência do imperador em 1981 na foto da direita.
Fonte: Acervo de Emanuel da Silva Divino



Figura 9 – Libertação do preso em 1989
Fonte: Acervo de Família Ferreira Cerqueira



Figura 10 – Chegada da Irmandade da Boa Morte antes da saída do cortejo do Divino de 1976
 Fonte: Acervo do Imperador Hilton Lopes Mendes Junior

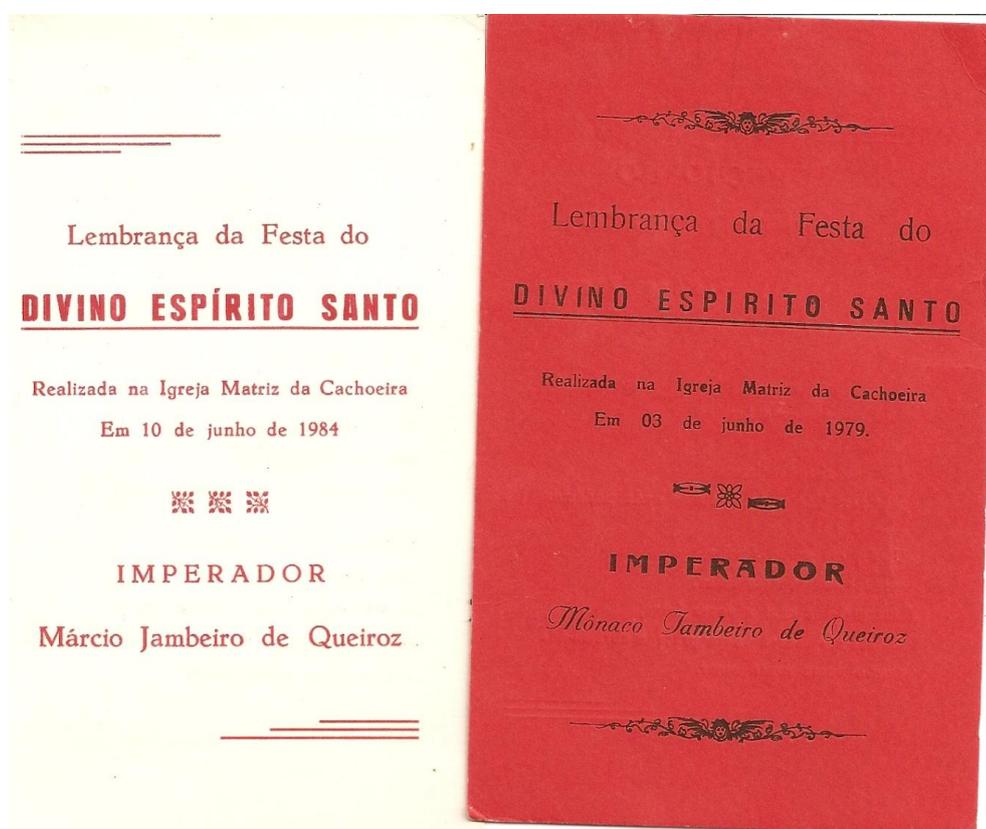


Figura 11 – Lembranças da Festa do Divino Espírito Santo de 1979 e 1984
 Fonte: Acervo da Família Jambeiro de Queiroz



Figura 11 - Cavalaria Imperial na Festa do Divino de 2011
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

ANEXO C – Fotos de algumas peças utilizadas na Festa do Divino



Figuras 12 e 13 – Almofadas utilizadas pelos guardiões da coroa em 1991 e 2011, respectivamente da esquerda para a direita
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.



Figura 14 – Cesta utilizada para carregar frutas pela ala dos camponeses
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.

ANEXO D – Foto da Igreja Matriz da cidade de Cachoeira – BA



Figura 15 – Visão da fachada da Igreja Matriz da cidade de Cachoeira - BA
Fonte: Acervo de Eliezer Francisco de Santana, 2011.